

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS ENTRE
DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE/SC
A PARTIR DO REFERENCIAL LINGUÍSTICO

Jailson Estevão dos Santos

Orientadora: Prof^a Dr^a Taiza Mara Rauen Moraes

Joinville – SC

2013

JAILSON ESTEVÃO DOS SANTOS

TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS ENTRE
DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE/SC
A PARTIR DO REFERENCIAL LINGUÍSTICO

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade. Orientadora: Dr^a Taiza Mara Rauen Moraes.

Joinville – SC

2013

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Santos, Jailson Estevão dos

S237t Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville/sc a partir do referencial linguístico. / Jailson Estevão dos Santos ; orientadora Dr^a Taiza Mara Rauen Moraes – Joinville: UNIVILLE, 2013.
97 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade –

Universidade da Região de Joinville)

1. Patrimônio cultural. 2. Memória social. 3. Identidade cultural. 4. Linguística - Cultura. I. Moraes, Taiza Mara Rauen. (orient.). II. Título.

CDD 363.69

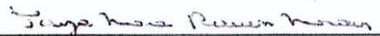
Termo de Aprovação

“Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville-SC, a partir do referencial linguístico”,

por

Jailson Estevão dos Santos

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

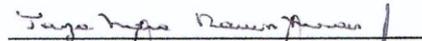


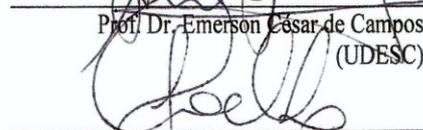
Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes
Orientadora (UNIVILLE)

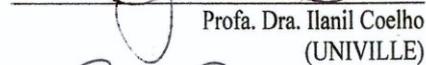


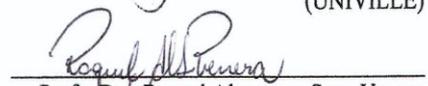
Profa. Dra. Ilanil Coelho
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

Banca Examinadora:


Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes
Orientadora (UNIVILLE)


Prof. Dr. Emerson César de Campos
(UDESC)


Profa. Dra. Ilanil Coelho
(UNIVILLE)


Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
(UNIVILLE)

Joinville, 30 de julho de 2013.

“A palavra revela-se no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.” (Bakhtin, 1988 p. 66).

RESUMO

O objetivo desta dissertação é analisar fatores de transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville – SC., a partir do referencial linguístico. A ênfase recai na análise de como os fluxos identitários conduziram os fatos em direção a uma busca de preservação da “cultura alemã” entre os imigrantes e seus descendentes, e a emergência de um aspecto mítico nessa relação com a identidade cultural. O referencial linguístico é tomado como justificativa da base propulsora do elemento cultural formador de ideologias, e como unificador e gerador de sentimento nacionalista. Daí o surgimento do elemento mitológico e das ideologias identitárias, em conflitos que aproximam o hibridismo e a diversidade cultural como fatores mais preponderantes na contemporaneidade. A metodologia adotada envolve entrevistas qualitativas através de questionário aberto e análise de relatórios das atividades da Sociedade Cultural Alemã de Joinville – DKVJ (*Deutscher Kulturverein Joinville*). Todos os sujeitos participantes são de origem alemã e nascidos na região de Joinville. A análise da amostra obtida é elaborada, no sentido de submeter o objeto de pesquisa a uma fundamentação teórico-filosófica a partir de autores que trazem em suas produções abordagens sobre antropologia cultural, linguística, sociologia e estudos culturais, com o objetivo de se trazer epistemologicamente mais compreensão aos eventos em questão. Os fundamentos teórico-discursivos basilares sustentadores das reflexões foram: Barthes (2000, 2001, 2008); Hall (2000, 2006); Bakhtin (1988); Bourdieu (2002, 2008); Canclini (2008); Certeau (1994, 2002). A linha de pesquisa adotada é a do patrimônio cultural e memória social, e os fundamentos teóricos abordam questões ligadas ao caráter simbólico da linguagem, ao jogo de poder, à desconstrução do discurso histórico e à consequente diversidade cultural.

Palavras-chave: patrimônio cultural; memória social; Identidade; deslocamentos; referencial linguístico.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to analyze transformations factors and displacement of identity among german descendants in Joinville-SC, from the linguistic reference. The emphasis is on the analysis of how identity flows led the facts toward of the search for preservation of "German culture" among immigrants and their descendants, and the emergence of a mythical aspect in this identity relation. The language reference is taken as justification of base driving cultural element forming ideologies, and as unifying and generator nationalist sentiment. Hence the emergence of the mythological element of ideologies and identities in conflict approaching hybridity and cultural diversity as factors more prevalent nowadays. The methodology involves qualitative interviews through open questionnaires and analysis reports of the activities of the German Cultural Society of Joinville – DKVJ (*Deutscher Kulturverein Joinville*). All participating subjects have german origin and born in Joinville-SC. The analysis of the statement obtained is prepared in order to submit the research object to a theoretical-philosophical from authors who bring in their productions approaches about cultural anthropology, linguistics, sociology and cultural studies, with the goal of bringing more epistemologically understanding to the events in question. The basic theoretical and discursive reflections supporters were Barthes (2000, 2001, 2008), Hall (2000, 2006), Bakhtin (1988), Bourdieu (2002, 2008), Canclini (2008), Certeau (1994, 2002). The line of adopted research is the cultural heritage and social memory, and the theoretical issues related questions about the symbolic character of language, the power's play, the deconstruction of historical discourse and the consequent cultural diversity.

Keywords: cultural heritage; social memory; identity; displacement; linguistic referential.

DEDICATÓRIA

De maneira muito especial dedico este trabalho a meu querido e saudoso pai, Agostinho Farias dos Santos (in memoriam). Ele sonhou e acreditou, por isso ficou-se em investir no bem mais precioso – a família. Deixou exemplo de heroísmo incontestável.

AGRADECIMENTOS

Exponho aqui a minha eterna gratidão primeiramente a Deus, causa primeva de todas as coisas. Dele vem minha força, inspiração e desejo de avançar no conhecimento intelectual e na produção de um saber compartilhado.

A minha família, especialmente minha esposa Damaris Ribeiro dos Santos a quem devo a base sólida de um edifício emocional, que em meio a lutas, foi construído com amor e dedicação.

À Prof^a Dr^a Taiza Rauen Moraes, que como orientadora, representa a plêiade de todos os professores e colegas do curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE – Turma IV. Juntos, me ajudaram a desconstruir essencialismos, e a encaminhar este trabalho acadêmico pelo viés do imbricamento cultural.

À UNIVILLE que através do FAP (Fundo de Apoio à Pesquisa) me oportunizou bolsa de estudos de seis meses.

Agradeço também ao Grupo de Pesquisa Imbricamentos de Linguagens, bem como ao PROLER - Joinville (Programa Institucional de incentivo à Leitura) pelas oportunidades das comunicações científicas e das discussões em grupo que tanto nortearam minhas conclusões.

Meus sinceros agradecimentos também à DKVJ (Sociedade Cultural Alemã de Joinville) pela recepção e colaboração nas entrevistas.

A todos que acreditaram na impossível possível transposição de fronteiras, limites tão visíveis em nossa caminhada, sob todos os aspectos e diversidades.

Um brinde à cultura e ao patrimônio cultural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Acesso Principal da Casa da Memória / DKVJ	12
Figura 2 - Logotipo DKVJ - Sociedade Cultural Alemã	13
Figura 3 - Fenachopp – Joinville –SC – Brasil	26
Figura 4 - Rainha e Princesas no desfile da 33ª Festa da Colheita	26
Figura 5 - Placa da Rua Dr. João Colin – Referência ao antigo nome	47
Figura 6 - Placa da Rua Nove de Março – Referência ao antigo nome	47
Figura 7 - Folheto de divulgação DKVJ – 2013	65
Figura 8 – Convite do 3º Encontro da Cultura Alemã em Joinville	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FLUXOS IDENTITÁRIOS E MEMÓRIA ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE	19
1.1 Fluxos identitários: transformações e deslocamentos	32
1.2 Período da nacionalização e pertinência cultural	37
2 INTERCÂMBIO LINGUÍSTICO E CULTURAL ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE	52
3 HIBRIDISMO E MITO NO INTERCÂMBIO IDENTITÁRIO	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS E APÊNDICES	84
ANEXO 1: TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVILLE	85
ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	89
ANEXO 3: TERMO DE APROVAÇÃO DA SOCIEDADE PARTICIPANTE	94
APÊNDICE 1: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	95

INTRODUÇÃO

A presente dissertação que tem como título: *Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville-SC., a partir do referencial linguístico*, é resultante de um estudo sobre identidade cultural. A mesma é imbricada à linha de pesquisa: Patrimônio Cultural e Memória Social, do curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, da UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville, e tem como área de concentração: Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania. O recorte é dirigido para a compreensão de fatores de mudanças identitárias entre descendentes de alemães que viveram sob a égide do período em que vigorou a Campanha de Nacionalização do governo Vargas e suas consequências mais imediatas. O trabalho parte da análise de entrevistas focadas nos registros das transformações e deslocamentos tendo por base o referencial linguístico, tomado como critério de identidade cultural.

Por referencial linguístico entende-se, aqui, não o sistema linguístico em si, nem mesmo as suas condições sincrônicas ou diacrônicas, propostas por Saussure (1975), mas a língua enquanto patrimônio cultural como instrumento, tanto de comunicação como de identificação de um povo, e também de mitos, um elemento de preservação da história, de apropriação de narrativas em diversidade de significações. Conforme Hobsbawm (1984, p. 15) “[...] muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos – inclusive o nacionalismo sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica”. Daí, a ideia de patrimônio como herança de um passado glorioso. Portanto, não está em jogo nesta

dissertação uma discussão do processo diacrônico ou sincrônico da língua, mas de sua existência como fator identitário.

A ideia inicial da dissertação era centrar a análise nas décadas de 1940 e 1950, considerando este período como básico para que os sujeitos nele nascidos pudessem comprovar as mudanças no intercurso histórico. Havia também o desejo de perscrutar a interface cultural, mais especificamente, e discutir como se processam as mudanças e deslocamentos identitários pela interferência do desuso da língua. Porém, no decorrer do trabalho de pesquisa fomos orientados e sentimo-nos convencidos da necessidade de focar mais sobre a questão da preservação da língua como fator de identidade cultural entre os descendentes de alemães em Joinville/SC. Isso foi feito partindo-se da análise de relatórios e de entrevistas efetuadas com um grupo de descendentes de alemães que frequentam a Sociedade Cultural Alemã de Joinville – doravante, DKVJ (*Deutscher Kulturverein Joinville*), fundada em 03 de outubro de 1999, e considerada como entidade de utilidade pública municipal e estadual conforme leis 4.787 de 02/07/2003 e 12.765 de 24/11/2003 respectivamente. No início a DKVJ realizava suas reuniões em espaços culturais diversos. Hoje, a sede da mesma está instalada em espaço público disponibilizado pela Fundação Cultural de Joinville, na Casa da Memória, junto ao Cemitério dos Imigrantes, este, bem tombado pelo IPHAN, situado à Rua XV de Novembro, nº 1000, em Joinville-SC, conforme pode se constatar na figura 01.

O espaço, Casa da Memória, permite à DKVJ, desenvolver seus projetos e atividades culturais, encontros entre os associados e reuniões da diretoria, utilizando-se, inclusive, do acervo histórico e literário, e outros materiais sobre os colonizadores, disponíveis no local. Tais materiais são expostos nas salas frontais, pois, a sociedade tem como objetivo ser um espaço de portas abertas com atividades para a manutenção da “cultura germânica”, aqui plantada pelos imigrantes e seus descendentes, e incentivar um maior intercâmbio entre o Brasil (Joinville) e a Alemanha.



Figura 1 - Acesso Principal da Casa da Memória / DKVJ - Fonte: Acervo DKVJ¹

Para efetivar seus objetivos, a DKVJ promove, entre outros, eventos como: Domingos Musicais com Arte e Cultura (sempre no primeiro domingo do mês), e encontros semanais para conversação em língua alemã, com o intuito de manter viva a “cultura germânica” entre os descendentes de alemães e de modo geral para toda sociedade joinvillense. Como se pode ver na figura nº 02 que apresenta o logotipo da instituição, com motivos associados às cores da bandeira alemã e à caricatura do Portal de Brandeburgo (*Brandenburger Tor*), símbolo da unificação da Alemanha Ocidental com a Alemanha Oriental, o qual também preconiza o livre trânsito com implicações de interculturalidade e abertura para o mundo.

¹ Fonte: http://sphotos-b.ak.fbcdn.net/hphotos-ak-ash3/73175_220361718088415_301324314_n.jpg



Figura 2 - Logotipo DKVJ - Sociedade Cultural Alemã - Acervo DKVJ²

A pesquisa envolveu sete sujeitos nascidos no município de Joinville-SC entre os anos 1939 e 1957. São eles: Vilson Voigt, André Butzke, Asta dos Reis, Humberto Hardt, Iracema Bruhns, Myrta Ebrhardt Trinks, Raulino Rosskamp³.

As análises das entrevistas permitem abrir espaços de reflexões sobre o estudo da língua como fenômeno cultural enfatizando aspectos que no entender de CANCLINI (2008, p 326) são híbridos como frutos de “cruzamentos intensos e instabilidade cultural”. O estudo e análise aqui apresentados visam, portanto à compreensão de fenômenos sociais entre descendentes de alemães, após alguma convivência cultural destes no Brasil. Ambos estão associados à obrigatoriedade de se falar o português como uma segunda língua, e ao levantamento de dificuldades surgidas a partir das mudanças nos fatores linguísticos, decorrentes dos choques culturais pelos quais passaram os imigrantes alemães e seus descendentes, no período da proibição do uso da Língua Alemã no Brasil, especialmente a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Nesse período se intensificou a campanha de nacionalização do governo Getúlio Vargas, tendo havido várias formas de interação com implicações de mudanças, com a imposição do uso da língua portuguesa. Os descendentes de alemães que viveram nesse período experimentaram mais de perto as consequências que se seguiram até o período após guerra. Alguns eram crianças na época, mas outros, já adolescentes, se lembram de fatos que hoje se vinculam às suas memórias, os quais interferem nas

² Fonte: <http://www.culturaalemajoinville.com.br/> acesso 07/04/2013

³ Vide anexo 2: Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

reivindicações assim compreendidas pelos mesmos, como de necessidade ou de preservação de valores culturais associados à *germanidade*.

O interesse pelo tema desta dissertação é buscar referências sobre as mudanças e interações identitárias, bem como as consequências mais imediatas, entre descendentes de alemães em Joinville - SC. A investigação parte de dados linguísticos das entrevistas, que reafirmam como a língua é condutora de diferenças e de valores.

A motivação de investigações, envolvendo a área linguística pelo viés do patrimônio cultural e memória social está embasada em minha condição de migrante nordestino, considerando-se, também, as experiências profissionais, e, observadas diversas interações que vivenciei, a partir da cidade de Paulo Afonso, no extremo norte da Bahia, onde nasci e vivi até os dezenove anos de idade. Ali a convivência híbrida acontecia por ingerência das construções de usinas hidroelétricas, com fluxo migratório intenso, tanto de brasileiros quanto de estrangeiros, cada um dentro de suas especialidades técnicas, que chegavam para trabalhar nas diversas empreiteiras, bem como para supervisionar as atividades que envolviam alta tecnologia. Posteriormente alguns desses imigrantes se estabeleceram definitivamente na cidade. A trajetória prosseguiu pelos estados de Pernambuco e Paraná. No estado do Paraná, vivi na cidade de Foz do Iguaçu, cidade situada numa tríplice fronteira entre o Paraguai e a Argentina, onde convivi com uma multiplicidade de culturas e identidades e de onde me envolvi com atividades em todo o oeste paranaense. Seguida de nova mudança, para Blumenau e posteriormente para Joinville, ambas no estado de Santa Catarina, o que fez intensificar o relacionamento com imigrantes alemães iniciado no Paraná.

A ênfase, portanto, no referencial linguístico, parte da vivência nessas interações culturais, e dos nossos interesses nos estudos da linguagem, a partir dos cursos de Bacharelado em Teologia e Licenciatura em Letras, feitos entre os anos de 1983 e 1992. Atuando como Pastor Presbiteriano (de orientação calvinista), e professor de Língua Portuguesa, tanto em redes públicas quanto privadas. Tive a oportunidade de conviver com famílias de imigrantes alemães que integravam as comunidades religiosa e escolar. Assim, constatei nessa convivência, memórias sobre a “cultura alemã”, recuperadas com maior e menor intensidade em relação aos períodos históricos, e em especial ao período do governo do presidente Getúlio Vargas, de 1930 a 1945.

Quanto ao grupo entrevistado, a relação dos mesmos com a Língua Alemã revela-se como um elo forte entre eles, pois os sete sujeitos, que constituem o corpus da pesquisa se comunicam em língua alemã e três deles também escrevem. Como pesquisador, participei de algumas reuniões administrativas e do grupo de conversação em língua alemã, como observador, apenas a título de aproximação do grupo. A experiência propiciou um breve contato oral, anterior à aplicação de um questionário escrito, com questões abertas que buscam registros do presente, recuperados pela memória de situações vivenciadas no período do Programa de Nacionalização (1937-1945), e os conflitos e mudanças culturais perceptíveis pelo grupo em decorrência da proibição do uso da língua alemã no país. Também tivemos a oportunidade de participar e assistir, como convidado, vários eventos ligados à entidade.

A metodologia adotada foi uma pesquisa qualitativa com entrevista semiestruturada, disponibilizada em apêndice, e em conformidade com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da UNIVILLE. As questões foram dirigidas para a compreensão dos fatores que motivaram as transformações e deslocamentos no desuso da primeira língua pelos descendentes de alemães em Joinville, SC.

A pesquisa está alicerçada em uma base exploratória, ou seja, no levantamento de referencial teórico, coleta de dados sobre a Sociedade Cultural Alemã e entrevistas, fontes primárias, discussão e análise de casos.

A problemática está contida nas seguintes questões que serviram de base para pesquisa: Que dados servem como parâmetro de transformação e deslocamento do processo identitário? Quais as razões que definiram sua construção? Quais as projeções resultantes? Em que ponto da história as interferências sociopolíticas favoreceram o desenvolvimento de deslocamentos e transformações identitárias? Quais as ligações linguísticas, sociolinguísticas, e outras, imbricadas nessas questões? Quais algumas questões sócio-históricas que envolveram hibridizações ou substituição linguística?

A análise temática e as entrevistas trazem subsídios que ajudam na compreensão das mudanças ocorridas, idiossincrasias do próprio processo migratório, como, por exemplo, os atos “arbitrários” de uma política estatal que puderam influenciar nas relações culturais de um grupo, mas também a base ideológica à qual os alemães se apegavam naquele momento.

Salienta-se, no entanto, que embora a pesquisa apresente e analise alguns dados históricos sobre as transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães que viveram em Joinville/SC., nas décadas de 1940 e 1950, não é uma pesquisa histórica, visto que, já existem livros e pesquisas que em linhas gerais abordam e aprofundam o tema.⁴ Entretanto por ser desenvolvida dentro de um Mestrado Interdisciplinar, trará, também, o enfoque analítico de um período da história brasileira. A abordagem sobre o referencial linguístico segue os conceitos chave de autores que abordam sobre a língua como fator de hegemonia ideológica, que resultam identidade cultural.

Os fundamentos teórico-discursivos basilares são: Barthes (2000, 2001, 2008), Hall (2000, 2006), Bakhtin (1988), Bourdieu (2002,2008), Canclini (2008), e Certeau (1994, 2002). A proposta é aplicar a concepção de Barthes sobre a língua como uma máscara, a qual traz em suas entrelinhas um jogo de poder; os deslocamentos e instabilidade dos significados e do sujeito no corpus conceitual tratados por Hall (2000, 2006); a língua e a fala como resultados de ideologia, e cujas implicações respingam conflitos culturais, estudos que sustentam a “filosofia marxista da linguagem” de Bakhtin (1988); passando pelas abordagens de Bourdieu (2002, 2008), sobre o caráter simbólico e regionalista assumidos pela linguagem; pelo hibridismo verificado por Canclini (2008) em algumas vivências públicas; e, ainda, pelas revelações e abordagens de Certeau (1994, 2002), sobre a desconstrução do discurso histórico. Por orientação, ao longo da pesquisa houve necessidade de acrescentar alguma base teórica, específica sobre as questões ligadas ao nacionalismo do período do governo de Getúlio Vargas, e as relações com os conceitos de etnia, identidade e nacionalidade. Para tanto, algumas leituras, específica, baseadas em Seyferth (1981, 1990, 1997) foram bastante esclarecedoras.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro apresenta-se e discute-se sobre os fluxos identitários e a memória, uma amostra de como estas se imbricam num sistema simbólico e representativo. Faz-se uma análise sobre memória e identidade cultural, a partir de recortes das entrevistas e tendo por referência o discurso da preservação cultural e identitária que se faz presente nas

⁴ Veja, por exemplo, as seguintes obras: COELHO, Ilanil. Joinville e a campanha de nacionalização. (Dissertação). São Carlos-SP. UFSCA. 1993. _____. Pelas tramas de uma cidade migrantes. Joinville: Ed. Univille, 2011; GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (Org.). Histórias de (I)migrantes: O cotidiano de uma cidade. Joinville: Univille, 2005; etc.

celebrações e em vários eventos envolvendo a DKVJ e a sociedade de modo geral, pois a língua é tomada como um aspecto preponderante para a preservação e difusão cultural.

Este capítulo é estruturado em dois subcapítulos: Um primeiro que traz uma abordagem relacionada à identidade cultural como um movimento em termos de fluxo, ou seja, as culturas e identidades existem numa dinâmica interativa e recíproca. Recorre principalmente aos escritos de Hall (2006) e Canclini (2008) os quais apontam para o abalo das estruturas sociais pela desconstrução e relativismo dos valores no mundo contemporâneo. Trata do esforço dos descendentes de alemães para manutenção de suas memórias e a força da língua, manifestada pelo discurso para o estabelecimento de vínculos das memórias linguísticas como fator cultural, tendo por base as reflexões de Nora (1993) e Candau (2011) que relacionam a história e a antropologia social. Um segundo subcapítulo, retoma as questões discutidas anteriormente e aborda as interferências do período histórico da nacionalização no Brasil e sua pertinência com relação aos aspectos culturais e identitários para os descendentes de alemães em Joinville.

No segundo capítulo estuda-se a importância do referencial linguístico associado ao desuso da língua alemã e as transformações advindas das relações com os fluxos identitários. Nessa análise consideram-se os fatos linguísticos como ideológicos segundo a concepção de Bakhtin.

No terceiro e último capítulo são analisadas mais especificamente as entrevistas realizadas, sob a perspectiva do hibridismo cultural e dos mitos criados em torno da linguagem, bem como a diversidade cultural como uma das transformações mais importantes impulsionadas pelos deslocamentos do sujeito e objeto conseqüente dos fluxos identitários. Ao longo deste capítulo conforme são trazidos e discutidos os conceitos, estes são exemplificados e relacionados, tanto às entrevistas como aos subsídios teóricos, sustentando a construção deste estudo.

Em meio à efervescência ideológica do século XXI e de seu contexto sócio-histórico, é um desafio desenvolver uma pesquisa com abordagem nas áreas do Patrimônio Cultural, da Linguística e da memória social, pesquisa esta que envolve a memória e a “identidade” de um *corpus* de sete entrevistados, imigrantes alemães e seus descendentes, hoje, com tantas narrativas e estudos científicos já registrados. O desafio decorre do muito que já se escreveu sobre a imigração alemã no Brasil, as

questões sócio-históricas e linguísticas envolvendo o *teuto-brasileiro*⁵, e dos diversos trabalhos de pesquisas já realizados. No entanto, a peculiaridade da abordagem é a permanência de um grupo de (i)migrantes e descendentes de alemães associados numa sociedade cultural, que mantém o nome em alemão, *Deutscher Kulturverein Joinville* - DKVJ, na qual ocorrem encontros de conversação em língua alemã e atividades culturais que atualizam a cultura germânica permanentemente.

⁵ Segundo Seyferth (1990, p. 47), é uma “categoria que designa os descendentes de imigrantes alemães ou austríacos, ou provenientes de regiões europeias, onde a língua alemã prevalece numa situação de grupo minoritário”. Termo usado também por vários autores para referir-se aos imigrantes alemães e seus descendentes em sua interação de modo geral com a “cidadania” brasileira, contudo, sem perder os vínculos com a nacionalidade alemã. Um teuto-brasileiro tem na língua alemã o seu maior grau de expressão de identidade cultural. Vide Spinassé (2008, p. 131) e Seyferth (1981, p. 74). Vide também: VOIGT, André Fabiano. Emilio Willems e a invenção do teuto-brasileiro – entre a aculturação e assimilação (1940-1946). Revista história questões e debates n. 46. Ed. UFPR. Curitiba – PR. 2007. Acesso em 19/05/11. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/4656/7887>

Capítulo 1

FLUXOS IDENTITÁRIOS E MEMÓRIA ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE

Neste capítulo discute-se sobre os fluxos identitários e a memória, uma amostra de como estas se imbricam num sistema simbólico e representativo. Faz-se uma análise sobre memória e identidade cultural, tendo por referencial recortes de sete entrevistas, efetuadas com um grupo de descendentes de alemães que frequentam a Sociedade Cultural Alemã de Joinville – DKVJ (*Deutscher Kulturverein Joinville*), entidade fundada em 03 de outubro de 1999 que tem como objetivos a circulação da “cultura germânica” aqui plantada pelos imigrantes e seus descendentes, e o incentivo de um maior intercâmbio entre Joinville, Brasil e a Alemanha.

O discurso da preservação cultural e identitária, que se faz presente nas celebrações e eventos em geral, demonstra como a língua é tomada como um aspecto preponderante para a manutenção e preservação da cultura.

O capítulo é estruturado em dois subcapítulos. O subcapítulo 1.1 - faz uma abordagem relacionada à identidade cultural como um movimento em termos de fluxo, ou seja, as culturas e identidades existem numa dinâmica interativa. Recorre principalmente aos escritos de Hall (2006) e Canclini (2008), que sinalizam o abalo das estruturas sociais pela desconstrução e relativismo dos valores no mundo contemporâneo, bem como aos escritos de Nora (1993) e Candau (2011) que abordam os imbricamentos contínuos entre as categorias históricas e sócio-antropológicas. Trata do esforço dos descendentes de alemães para manutenção de suas memórias e a força da língua, manifestada pelo discurso para o estabelecimento de vínculos das memórias linguísticas como fator cultural.

Já, o subcapítulo 1.2 - retoma as questões discutidas anteriormente e aborda as interferências do período histórico da nacionalização no Brasil e sua pertinência com relação aos aspectos culturais e identitários para os descendentes de alemães em Joinville.

Na história de Joinville, a atividade imigratória se destaca pelo seu caráter intenso. Tem início no final do século XIX com a colonização envolvendo estrangeiros europeus, continua durante o século XX, especialmente durante as duas guerras mundiais, e repercute até a contemporaneidade com as relações interétnicas consequentes das diversas imigrações bem como da atividade migratória em torno do trabalho e da indústria.

Esse processo histórico se dá na interação de fluxos identitários que envolvem questões ligadas à memória e à identidade cultural. Memória e identidade cultural são categorias que merecem uma análise mais criteriosa. Estudos como os feitos por autores como François Hartog em *Temporality and Patrimony*; Andreas Huyssen em *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*; Joël Candau em *Mémoire et identité*; Pierre Nora em *Entre memória e história, a problemática dos lugares*, dentre outros, revelam os imbricamentos constantes dessas categorias históricas e sócio-antropológicas. Mas isso não significa que memória exista na mesma proporção da cultura. Nem sempre o que se afirma como memória equivale à identidade cultural⁶.

A proposição de Candau (2011, p. 26) segue essa linha teórica. Ele se posiciona:

De um lado parece-nos abusivo utilizar as expressões “identidade cultural” ou “identidade coletiva” para designar um suposto estado de um grupo inteiro quando apenas uma maioria dos membros desse grupo compartilha o estado considerado: de fato, mesmo que nos limitássemos a um estado exclusivamente “protomemorial”, descarto a possibilidade de que *todos* os membros do grupo compartilhem desse estado. Por outro lado, é reducionista definir a identidade de um grupo a partir unicamente da protomemória, pois as estratégias identitárias de membros de uma sociedade consistem em jogos muitos mais sutis que o simples fato de expor passivamente hábitos incorporados.

⁶ Candau afirma a “ambiguidade das noções de “identidade” e “Memória”, [...] pois ambas estão subsumidas no termo representações, [...]” (2011.p.21). Assim, ele identifica três tipos de memória: **1) Proto-memória**: memória de baixo nível (mimesis – imitação – ou *habitus* de Bergson); **2) Memória** propriamente dita ou de alto nível: (recordações lembranças); **3) Metamemória** (representação da própria memória).

Então, compreender esses conceitos é imprescindível para esta dissertação, pois serão analisados e até certo ponto, “avaliados”, sem quaisquer pretensões de inserção de critério axiológico, a partir de algumas entrevistas e de relatórios que registram os feitos e eventos dos quais a DKVJ participa, promove ou administra, e que estão associados às questões ligadas a aspectos da “cultura germânica”. E o que se depreende, de modo geral, é que os entrevistados, em questões de “identidade cultural” tratam do que filtraram da memória coletiva. Não se trata necessariamente da história, pois não é possível colocar num mesmo campo semântico a memória e a história, conforme o entendimento de Nora (1993, p. 9). Assim ele afirma:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, [...] vulnerável [...]. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido do eterno presente; a história uma representação do passado. [...] A memória emerge de um grupo que ela une, [...]. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal.

Então, trazer para o presente, a experiência de valorização da memória coletiva, inclui os interesses e objetivos da Sociedade Cultural Alemã de Joinville (DKVJ), no contexto da compreensão do que HARTOG (2006, p. 262) chama de “novo regime de historicidade”, através do qual ele redefine “memória” e “patrimônio” suscitando o conceito de “presentismo”.⁷

⁷ Em *Temporality and Patrimony* (Tempo e patrimônio) François Hartog apresenta um novo enfoque envolvendo memória: - “tempo presente” a partir do conceito de “Regime de Historicidade” – a história vista como linear. Ele usa o termo “presentismo” para conceituar tempo presente visando atingir, para tal, um significado de onipresença. Cita o exemplo da história profissional francesa, a qual também se insere no mesmo contexto de histórias de crimes contra a humanidade, e é marcada pela imprescritibilidade. Afirma que a noção de “Regime de Historicidade” lhe pareceu mais viável para trabalhar o “presentismo”. Faz um rápido apanhado dos seus fundamentos, com base nas ideias de Marshal Sahlins (Antropólogo americano que defendeu a teoria do avanço unilinear das sociedades, contrapondo-se ao conceito de avanço multilinear); e de Claude Lévi Strauss, com a noção de “sociedades quentes e frias” (ou seja, historicamente engajadas, ou não). Apreende os fatos do passado, presentes aqui e agora, por exemplo, de outros povos autóctones; Evoca o alemão Heinhart Koselleck que pesquisou as categorias meta-históricas da “experiência” e da “espera” analisando as tensões e modos de articulação entre presente, passado e futuro, e como essas são postas em relação. Ainda, sugere uma relação com a antropologia histórica, e a compreensão do “Regime de Historicidade” em duas formas: a) Numa acepção restrita, como uma sociedade trata seu passado; b) Numa acepção mais ampla apela para uma “consciência de si e de uma comunidade humana”. Traz o exemplo do Muro de Berlim que foi derrubado. Mas, “seria evidentemente falso dizer que ele tinha se congelado”. A história está viva, presente e fluente: no Muro, em sua queda e no espaço pós-derrubada.

Observa-se o fenômeno nas entrevistas realizadas. O Sr. Rosskamp (2012) destaca sua disposição em colocar o alemão como sua segunda língua, e para tal, participa de cultos luteranos e de grupos de conversação na língua alemã. Hardt (2012), ao ser interrogado sobre qual o elemento motivador para não querer mais falar a língua dos pais e avós, afirma: “não se trata de querer só tenho oportunidade que estou reunido com pessoas idosas que ainda falam o alemão”. Trinks (2012) afirma a necessidade de renovação do grupo, ao expressar o desejo de que “gostaria que os jovens se interessassem mais pela língua o que eu não pude fazer”.

Os recortes das entrevistas denotam que um dos objetivos dos integrantes da DKVJ é rememorar cultura dos antepassados, presentificando o passado com propósito de preservação de valores. Esses discursos expressam o desejo de aplicar às memórias narrativas dos descendentes de alemães um status patrimonial.

Assim, pode-se compreender e visualizar as narrativas aqui estudadas como Patrimônio Cultural Intangível. Conceito que há algum tempo vem sendo desenvolvido e requerido legalmente dos governos e no âmbito dos estudos patrimoniais. A constituição federal do Brasil de 1988 em seu artigo 216 respeita este assunto com o seguinte texto:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...].

HUYSSSEN (2000, p. 9) aborda a memória enquanto monumento, ao afirmar que sua emergência é “uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais”. E, nas últimas décadas, tudo que diz respeito à história da Alemanha, do germanismo e das diásporas ocorridas como frutos da segunda guerra mundial ou do hitlerianismo, permitem aflorar jogos de memória. Os discursos dos descendentes de alemães aqui em estudo, podem tanto trazer “apelos de eternidade e permanência” HUYSSSEN (2000, p. 52), como sentimentos ligados às ideias de “monumentalismos”, no desejo de enaltecimento de algo que parece não querer mais vingar numa sociedade em que o presente e o futuro são mais significativos do que o passado.

Hartog se utiliza de uma afirmação de Hans Scharoun (arquiteto que presidiu em Berlim a comissão de urbanismo após a guerra): “Não se pode ao mesmo tempo construir uma sociedade nova e reconstruir os prédios antigos”. Nesse sentido Berlim se tornou uma “cidade emblemática”, um ícone de Memória e Identidade. HARTOG (2006, ps. 262 - 264).

A proposta é o estabelecimento de diálogo considerando os regimes de temporalidade, passado, presente e futuro. E, conforme afirma Hartog (2006, p. 272),

[...] o patrimônio jamais se nutriu da continuidade, mas, ao contrário, de cortes e da problematização da ordem do tempo, com todos os jogos de ausência e presença, do visível e do invisível, que marcaram as incessantes e sempre mutantes formas de produzir semióforos.

Resgatar os fluxos identitários e construir uma historiografia local tem sido o objetivo de algumas atividades que são realizadas por associações e entidades que buscam disseminar a “cultura alemã” em Joinville. Entre estas estão as que envolvem grupos de danças típicas, grupos de estudos e de prática da língua alemã, museus que contam a história da imigração, cemitérios, que mantêm formas de enterramento. São instituições que comportam no seu acervo e em suas atividades itens que pretendem corroborar essas manifestações como “culturais” e mediadoras de criação e manutenção de uma “identidade cultural”. Há ainda, entre outras, instituições como o Centro Cultural *Deutsche Schule*, instalado no Colégio Bom Jesus IELUSC, antiga *Deutsch Schule*; as Sociedades: Lírica e Harmonia Lira. Todas, isoladamente ou em parceria com a Fundação Cultural de Joinville, promovem eventos culturais com foco na manutenção da memória da “cultura alemã”.

Destacam-se, entre as várias atividades desenvolvidas por essas entidades, incluindo a DKVJ: *Frühlingsfest* (Festa da Primavera); *König Fest* (tiro ao alvo e cerveja); Festa do Colono do Pirai (frutos da terra, seguindo uma tradição pagã dos antigos germânicos); *Bandoneonfest* (reunião de vários tocadores de bandoneon) “que busca o resgate das tradições germânicas através da música”, considerado o maior encontro de músicos de bandoneon realizado no Brasil⁸. Em todas essas festas constam a inserção de músicas, danças, canto, gastronomia e o *Stammtisch* (encontro de amigos). A DKVJ participa também do Fórum Permanente de Resgate da Cultura Germânica no Estado de SC.⁹

⁸ Para maiores informações veja-se o site oficial da prefeitura Municipal de Joinville <http://www.joinville.sc.gov.br/>.

⁹ Conforme informações constantes no site oficial da DKVJ: <http://www.culturaalemajoinville.com.br/>. *Coincidentemente, no ano de 2013 (ano em que

A Sociedade Cultural Alemã celebra em julho/2013 o centésimo encontro do Domingo Musical, com concerto matinal, na Casa da Memória, demarcando a sustentabilidade do projeto. Iniciou suas atividades em 1999 com aproximadamente cinco famílias como sócias, praticamente o suficiente para a formação da diretoria. Em 2002 contava com um número de 100 famílias associadas. Hoje esse número está estabelecido em 76 famílias. O desenvolvimento do número de associados se deu em função da divulgação realizada nos primórdios da organização. E, posteriormente, com um exercício de visitação às famílias de origem germânica, trabalho que teve à frente, a sócia Sr^a Mirta Trinks, uma das incentivadoras do projeto, tanto quanto incentivado pelo grupo de conversação, este, motivado pelo sócio Sr. Raulino Rosskamp. Nesta segunda etapa foram utilizados formulários para colher a adesão de outros representantes.

É somente a partir da publicação das leis de utilidade pública municipal e estadual datadas de 2003, já citadas, que se iniciam alguns projetos envolvendo eventos de caráter público e amparados por estas leis. Neste período a Sociedade Cultural Alemã de Joinville (*DKVJ*) encontrava-se no auge das adesões. Em 2008 a lei complementar 291 de 17 de dezembro, que torna “isentos de tributos municipais para efeito de licença de funcionamento para realização de eventos constantes do calendário da Fundação e Planejamento Turístico de Joinville – PROMOTUR” arrolou a *Frühlingsfest* (Festa da Primavera), como um dos eventos isentos de tributação. Esse evento consta, listado, sob a responsabilidade da *DKVJ*. Todas as entidades beneficiadas por esta lei devem prestar relatórios descritivos incluindo recursos financeiros envolvidos e “recursos isentados”.¹⁰

O projeto Domingo Musical com Arte e Cultura foi aprovado no Mecenato Municipal desde 2011, utilizando-se do SIMDEC (Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura)¹¹ o qual foi criado em 2006.

se complementam os dados desta pesquisa), assume a Prefeitura Municipal de Joinville, o Sr. Udo Doehler, cônsul honorário da Alemanha em Joinville-SC.

¹⁰ Disponível em: <http://www.leismunicipais.com.br/a2/sc/j/joinville/lei-complementar/2008/29/291/lei-complementar-n-291-2008-concede-beneficios-fiscais-para-eventos-de-especial-interesse-cultural-realizados-no-municipio-de-joinville-e-da-outras-providencias-2008-12-17.html> Acesso em 28/05/2013.

¹¹ Instituído pela lei Municipal nº 5.372/2005 e regulamentado pelo decreto 12.839/2006, e tem como objetivo estimular a produção e execução de projetos culturais considerados relevantes para o desenvolvimento da cidade, por meio dos mecanismos do Fundo Municipal de Incentivo à Cultura e Mecenato Municipal de Incentivo à Cultura. Fonte:

A Sociedade Cultural Alemã (*DKVJ*), em colaboração com a comunidade do Rio da Prata e outras, desenvolvem atividades que ano após ano se repetem, (caça e tiro, campeonato de bocha, diversas festas coloniais e temáticas cotidianas) em busca de manutenção de uma tradição germânica, com temas recorrentes a uma ideologia identitária. É o que se depreende dos relatórios anuais. Nos encontros há sempre um discurso de abertura, inicialmente pronunciado em língua alemã e logo após em língua portuguesa. Faz-se homenagens a figuras célebres da linhagem germânica da cidade, grupos estudam as genealogias, os brasões familiares, e desenvolvem-se artesanatos com motivos culturais germânicos.

Outras entidades, entretanto, promovem festas tradicionais com o intuito de manutenção e resgate da cultura germânica, como se verifica nas figuras nº 03 – *Fenachopp*; e 04 - festa da colheita - esta, promovida pela sociedade Dona Francisca.¹² São imagens que exemplificam celebrações que homenageiam e replicam a cultura do imigrante germânico, mostram grupos com vestes que caracterizam as tradições. As imagens revelam na indumentária, os elementos culturais típicos de mulheres colonas, aventais sobre os vestidos. Especialmente na figura 03 (*Fenachpp*), destacam-se nas vestes femininas e masculinas, as cores da bandeira da Alemanha, reforçando o aspecto cultural identitário.

[http://www.joinville.sc.gov.br/noticia/4606-Edital+e+Mecenato+2013+do+Sistema+Municipal+de+Desenvolvimento+pela+Cultura+\(Simdec\)+.html#sthash.lzr68Kdu.dpuf](http://www.joinville.sc.gov.br/noticia/4606-Edital+e+Mecenato+2013+do+Sistema+Municipal+de+Desenvolvimento+pela+Cultura+(Simdec)+.html#sthash.lzr68Kdu.dpuf) – Acesso em 23/06/2013.

¹² A Sociedade Recreativa de Tiro ao Alvo Dona Francisca promove anualmente, além da *Erntefest* (Festa da Colheita), a festa do aipim e a festa do tiro ao alvo.



Figura 3 - Fenachopp – Joinville –SC – Brasil - Foto: Laércio Beckhauser¹³



Figura 4 - Rainha e Princesas no desfile da 33ª Festa da Colheita¹⁴
Foto: Mauro Artur Schlieck / SECOM / PMJ – 11/09/2011

¹³ Fonte: <http://www.laerciobeckhauser.com/foto.php?ida=4497&pag=21> (28/03/2013).

¹⁴ Fonte: <http://www.bemsul.com/sc/joinville/pirabeiraba/2011-festa-da-colheita/> (28/03/2013).

Em relação à memória e identidade, deve-se levar em consideração que, do ponto de vista do tempo presente, Joinville convive com uma mescla cultural devido às levadas de migrantes recebidas especialmente nas últimas quatro décadas, que criaram uma nova configuração identitária, sobretudo de aspecto cultural híbrido. Porém essa característica de hibridação vem de longas datas. As listas de imigrantes pesquisadas e elaboradas por Böbel e Thiago (2010, p. 49) contêm não apenas alemães, mas suíços e noruegueses, e há, ainda, o fato de que os alemães vinham de diferentes regiões, o que nos leva a crer numa mescla cultural a partir do próprio processo migratório que conduz os fluxos identitários.

Isso faz diferença para os sujeitos desta pesquisa, quando se posicionam sobre o tema proposto, pois se deve levar em consideração que os mesmos vêm interagindo com outras realidades culturais, inclusive como resultado do fluxo migratório. Essa experiência provoca mudanças na visão de mundo e consequentes deslocamentos identitários. Melhor dizendo, uma mudança no seu conceito de identidade ou na sua identificação. Esses sujeitos nasceram ou vivem em Joinville desde a década de 1930, interagem culturalmente numa realidade de conflito e hibridismo cultural e, hoje, presenciam uma realidade cultural continuamente híbrida. Como afirma Coelho (2011, p. 30):

Joinville – como tantas outras cidades contemporâneas – pulsa (n)o tempo presente, marcado por disjunções, superposições e complexidades de fluxos de pessoas, tecnologias, finanças, imagens e informações. Seus paradoxos – visíveis e invisíveis – igualmente pulsam nos sujeitos (moradores da cidade) que vivenciam e promovem entrecruzamentos, mediações e hibridismos, desenrolando jogos entre semelhanças e diferenças.

Essa realidade é fruto da contrapartida que aparece com o processo migratório que historicamente veio fincar, também, na cidade outros ventos culturais de influência interna e externa. Esse processo se estabelece com a vinda de paulistas, paranaenses, grupos de outros estados brasileiros, lusos, italianos, suíços e outras etnias da Europa, todos com sua língua, suas novidades gastronômicas, suas festas, vestiários e jeito de ser.

Temos então a revelação de um quadro ambivalente. De um lado, esses fluxos identitários parecem não influenciar de maneira direta os descendentes germânicos. Isso acontece até mesmo porque, como se pode verificar da historiografia local tenta-se reforçar a tradição germânica, com uma filosofia de

alguma maneira hereditária, num desejo de que as novas gerações se apercebam e se apropriem de um sentimento de necessidade dessa tradição, ou seja, um sentimento de pertencimento. Pode-se verificar também, a partir das falas de alguns dos sujeitos entrevistados, que há uma tendência de se divulgar que “o ímpeto realizador” da cidade de Joinville, recai sobre a “força germânica”.

Esses descendentes trazem as marcas de um período histórico, da Era Vargas no Brasil, em que se obrigou por força de lei uma interação cultural entre os imigrantes que aqui viviam, com brasileiros nativos ou migrantes de outros estados. Este quadro veio a favorecer situações que ajudaram a forjar e suscitar mitos identitários por conta de algumas pressões como: obrigatoriedade do monolinguismo; proibição de se falar o alemão em contexto público e até privado, como revela Clock (2009) no documentário “Sem Palavras”, o qual mostra que até dentro de seus aposentos os alemães e seus descendentes sofreram perseguição para deixar de falar sua língua materna¹⁵; impedimento de participar dos eventos públicos como um brasileiro comum, sem apresentação de vestígios dos costumes germânicos.

Por outro lado, não se deve esquecer que não havia apenas alemães e seus descendentes na cidade. Após a década de 1930, além de outras etnias, que já haviam se instalado e disseminavam suas tradições, migrantes de outras regiões brasileiras faziam o mesmo. Certamente outras vozes e tradições foram sufocadas e silenciadas por conta do contexto político-cultural e de brechas abertas a invenções “identitárias”.

Entretanto, o que se pode verificar em todas essas circunstâncias é a existência da memória enquanto mito. É a linguagem do mito, que será tratada posteriormente, que é usada como uma tentativa de criação ou preservação de uma identidade cultural. Cada descendente de alemão se apropriou do seu próprio discurso. Cada um elaborou o seu próprio sujeito, mas todos laboraram no campo da diferenciação. Tinha à sua frente um novo horizonte, mas no passado um referencial a que tentou se apegar para traduzir suas memórias, *modus vivendi*, etc. Entretanto tudo isso se assentou no campo da metalinguagem e hoje não passa de metamemória. Conforme explica Candau (2011, p. 23), “a metamemória, que é, por

¹⁵ *Sem palavras* – Documentário sob a direção de Kátia Clock pela Contraponto Produtora com apoio da Secretaria de Turismo, Esporte e Cultura de Santa Catarina em comemoração aos 180 anos de imigração alemã.

um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela, e, de outro, o que diz dela [...]”.

É preciso fazer também um recorte na história, especialmente no que tange às pressões políticas do governo Getúlio Vargas. Neste particular há algumas considerações que podemos destacar a partir da afirmação de Spinassé (2008, p. 127) quando registra que:

Os alemães emigraram para o Brasil por vários motivos, mas com um único objetivo: o de iniciar aqui uma vida nova e melhor. A pobreza predominava na Alemanha e os governos não davam conta de auxiliar e amparar a população. Essa situação emergencial era grave [...]. Por sua vez o Brasil, como um país jovem e de independência recém-declarada, necessitava de mais habitantes e de mais mão-de-obra para o imenso território. [...] O governo brasileiro enviou, então, agentes de imigração para a Europa para fazerem propaganda sobre o Brasil [...].

O mundo da década de 1940 e 1950 vivia a ebulição e as expectativas político-ideológicas do Nazismo e do Fascismo que varriam a Europa. A linguagem foi um dos canais pelos quais, os questionamentos suscitaram o autoritarismo. Os imigrantes alemães em Joinville, tanto no contexto da Primeira quanto da Segunda Guerra Mundiais, ao procederem a um deslocamento geográfico, o fizeram, dentre outros motivos, fugindo, também, do jogo linguístico de poder. Os descendentes de alemães naturalmente, receberam as informações deste processo pelo discurso doméstico. Portanto, sua convivência cultural não foi marcada pela neutralidade. Eles ocupam um lugar e tem uma ideologia formada. De conformidade com Gallo (2011, p. 12) quando afirma: “Acredito que o modo como as coisas são faladas e silenciadas depende da posição que se ocupa ao falar ou calar. Não há dizer neutro, sem vínculo com a história”. A língua era o recurso cultural real que os imigrantes tinham em termos efetivos de cultura a que eles poderiam se apegar para conviver e partilhar uma identidade cultural. Posteriormente os descendentes ajudam a promover em maior escala o fluxo cultural de cunho material e imaterial, em suas diversas realizações. Segundo Coelho (1993, 62),

Em Joinville, o “idioma alemão” foi predominante até o final da década de 30, tanto na zona rural como na urbana, sendo utilizado no ensino (tanto nas escolas públicas como nas particulares), no comércio, nas repartições públicas e, obviamente no ambiente familiar.¹⁶

¹⁶ Citado também em: COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: é tempo de abraçar-se. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo, (org). História de (I)migrantes, o cotidiano de uma cidade. Joinville. Univille. 2005.

Apesar das diferenças dialetais que marcavam a língua alemã, foi “pela homogeneidade linguística dentro das comunidades, que se garantiu uma sobrevivência na fase inicial num país desconhecido” (Spinassé, 2008, p. 5). Contudo, pode-se imaginar a dificuldade de compreensão por que os imigrantes e seus descendentes passaram face ao novo momento e a gama de necessidades que marcaram aqueles dias, após a deflagração do regime do Estado Novo. Naquele momento, a “linguagem”, a qual deve ser usada para a comunicação entre os seres humanos, tornou-se explicitamente no instrumento de expressão da dominação, de expressão de poder. As divergências, os consensos e as ideias transformaram-se em instrumentos de escravização, de hegemonia. Nesse sentido, a língua tem sido motivo de estudos de alguns teóricos. Estudos estes que revelam a ambivalência de aspectos preponderantes nos interesses de cada grupo falante. Bakhtin (1988, p. 36), afirma que “a palavra é o fenômeno ideológico por Excelência”. E ainda é pela utilização da linguagem que os descendentes de alemães tentam manter acesas suas memórias culturais. Razão porque a Sociedade Cultural Alemã - DKVJ mantém um encontro semanal para conversação em língua alemã. O espaço é aberto a todos que se interessam pela cultura alemã e sabem falar um pouco a língua. Nesses encontros são tratados ou estudados assuntos associados aos interesses do grupo, extraídos de livros, revistas e jornais, que envolvem questões culturais e do cotidiano, bem como ligados aos eventos promovidos pela associação, sua configuração e resultados obtidos. Portanto, a sociedade DKVJ, tem como motor alimentador leituras e discussões ligadas aos anseios cotidianos de seus associados e atividades que (re)avivam memórias coletivas da cultura germânica.

Isso, de modo geral, não é muito diferente para outros grupos (i)migrantes que vivem e convivem com universos linguísticos e culturais diversos aos de origem. O conflito entre a “memória oficial” e a “coletiva” se estabelece através do referencial linguístico. Às vezes são criadas as “memórias subterrâneas”, (Pollak 1989, p. 4). Esses conceitos são relativos, pois dependem da posição e leitura dos sujeitos ativos e passivos da história. O que foi excludente para uma coletividade, é visto em caráter de “justiça” pela cultura dominante, e, por outro lado, as razões das culturas minoritárias e tentativas de invenções identitárias são evocadas a si como elementos de justiça, se dominantes, e de injustiça, se dominadas. Há, contudo, algum silêncio

que permanece no ar, fenômeno explicável face às opressões que os imigrantes sofreram. Isso revela que há uma tentativa de fazer valer a existência de uma “memória subterrânea”, este silêncio é lembrado por Pollak (1989, p. 5), como portador de lembranças que, mais cedo ou mais tarde, afloram na comunicação social.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente expõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.

Se todo o esforço de manutenção e preservação da cultura alemã, por um lado, precisa ser reconhecido como efetivo, em todos os acontecimentos e eventos com essa finalidade, por outro lado, deve-se compreender que no que diz respeito à memória e identidade, o discurso está inserido no contexto do que Candau (2011, p. 23-40) chama de “retóricas holistas” e, portanto, esses discursos são colocados por ele como representações. A memória pode ser mais ou menos convergente entre os indivíduos de um grupo e por isso pode ser diferenciada em forte e fraca ou ainda como “metamemória”¹⁷, esta última para se referir à representação da memória de “alto nível”. Neste sentido, o que se pode depreender é que prevalece a metamemória nos discursos das entrevistas analisadas. Afirmações como: “Os descendentes de alemães são perseverantes”; “A preservação da memória cultural das origens”; “Preservar a cultura e o que aprendeu-se”; “O alemão era a língua mais usada”, “seriedade, a modéstia e a determinação nos cativavam”; e, “depois, é claro, os brasileiros filhos de imigrantes, adquiriram o ímpeto realizador”; denotam falas demarcadas por um conceito ideológico, por uma representação linguística de interesses hegemônicos que valorizam a cultura alemã colocando-a num patamar distinto das culturas circulantes. Esse discurso formador, chamado por Candau (2011, p. 28, 29) “retóricas holistas” só é recomendável para a compreensão de conjuntos duráveis e homogêneos.

A retórica é uma técnica de persuasão [...]. [...] poder-se-ia considerar que a *priori* uma retórica jamais seria pertinente, pois o ideal científico é o da “erradicação da retórica [...]”. O desafio é, portanto, distinguir entre as retóricas heurísticamente necessárias e aquelas que são “concessões à facilidade”. [...] Entendo por “retóricas holistas” o emprego de termos,

¹⁷ Vide nota à página 15.

expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, [...] isomorfos. Designamos assim um reagrupamento de indivíduos (a comunidade, a sociedade, o povo), bem como as representações, as crenças, recordações [...], ou ainda elementos reais ou imaginários (identidade étnica, identidade cultural).

Assim, se a “identidade cultural” for analisada sob esse ponto de vista, as memórias ativadas suscitam fluxos identitários que caracterizam a diversidade como marca essencial da contemporaneidade. Essa diversidade surge revestida ideologicamente como um movimento que reúne tradições, hegemônicas ou não, contudo aproximando os indivíduos de interesses que de alguma maneira sinalizam modificações.

1.1. FLUXOS IDENTITÁRIOS: TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS

A história apresenta registros de resistência ou desestabilização das marcas identitárias. O desenvolvimento científico, tecnológico e das comunicações viabilizou também entre os povos possibilidades de interpretação dos fatos, em decorrência da aceleração das trocas, bem como os confrontos se tornaram mais frequentes. Essas condições conflitantes fizeram surgir mudanças que repercutem no conceito de cultura e de identidade cultural. Mais que isso, esses termos passaram de uma significação centrada nos acontecimentos como marcas definidoras de um povo, para sentidos focados no contexto social, político e filosófico, pois cultura e identidade subjazem a interesses hegemônicos conforme afirma Hall, (2002, p. 109):

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto de marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade autêntica, naturalmente construída de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

É assim que embora a identidade e a nacionalidade possam ser entendidas como conjunto de características comuns de determinado grupo, é

importante frisar a sua natureza mutável e, muitas vezes artificial, podendo ser forjada e construída. Hall, (2006, p. 50-51) afirma:

Numa cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o seu passado e imagens que delas são construídas.

A história, a memória e a língua transmudam em função dos deslocamentos dos sujeitos que caminham em direção à reconstrução dessas identidades. Essas transformações acontecem por experiências adquiridas ou simplesmente como fruto de contatos rápidos, ainda que, todas elas produtoras de novos sentidos para a vida. A língua é um dos principais fatores de identidade e, talvez o mais resistente às mudanças. Deslocamentos, transformações socioculturais, trocas linguísticas, afloração do sentimento de pertencimento, crises de identidade por fronteiras quebradas e ultrapassadas, todas relativas à interface cultural, culminaram em mudanças culturais.

A ideia de identidade cultural é fruto de uma sequência de desenvolvimentos conceituais de “cultura” e vem desde a antiguidade até a contemporaneidade. Conforme explica Alves (2010 p. 21-33) inicialmente a concepção caminha pelo viés do subjetivismo na busca do aperfeiçoamento individual seguindo pela representação, que associa a cultura a um sistema simbólico até enveredar pelo relativismo filosófico.

Assim, a identidade é percebida pelas características que os indivíduos adquirem no entrelaçamento de seus costumes e ideologias criadas/inventadas. A partir de compreensões próprias ou impostas pela filosofia social, esta identidade fixa-se e é subjugada a uma tentativa de perenização. Como explica Hall (2000, p. 111)

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nosso lugar como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. [...] posições que o sujeito é obrigado a assumir, [...].

Ele acrescenta que identidade é vista como um processo e sinaliza uma caminhada. Portanto, uma construção histórica e ideológica é fruto de um processo diversificado de eventos, e traduções. É necessário considerar que há coisas que se submetidas ao crivo de abordagens mais estritamente científicas esbarram nos critérios de “verdade” e são absorvidas apenas pela ingenuidade social. Conforme nos informa Geertz (2008, p. 107), o termo ideologia, por si já é ideológico, e isso o distancia do caráter e da natureza científica das coisas.

Assim, a história dos imigrantes alemães e de seus descendentes, em Joinville se edificou, sob uma longa jornada, que inicia em 09 de março de 1851 com a chegada da “pioneira barca Colón”, segundo Böbel e Thiago (2001, p. 47), e segue até hoje com todas as mudanças e deslocamentos sócio-históricos que os indivíduos e a sociedade promovem. Então, em meio às benesses e brumas do tempo bem como às transformações sociais e incremento do saber, fica claro que de modo específico já não há como afirmar a existência de uma “identidade alemã”, como única, no contexto de Joinville.

Desde então muitos outros fatos foram somados à história, de modo que até o conceito de “identidade cultural”, para a antropologia e seus correlativos, sofreu transmutações. A concepção de processo identitário, obedece então a esta característica diacrônica enquanto inserida no contexto desconstrutivista.

As gerações que se seguiram à primeira leva de imigrantes alemães promoveram transformações e deslocamentos identitários ao longo da história. Essas mudanças se deram em decorrência de trocas culturais e do aprendizado da Língua Portuguesa. Algumas consequências foram favoráveis à “preservação da identidade cultural alemã”, no sentido de reforçá-la na memória dos descendentes, ante aos desafios e contrariedades enfrentadas. Outras, entretanto, marcaram conflitos sócio-ideológicos ainda hoje latentes. É possível verificar nas entrevistas efetuadas com sete descendentes de alemães, frequentadores da Sociedade Cultural Alemã – DKVJ, duas tendências ante a realidade brasileira, ou seja, tanto a aceitabilidade de mudanças como necessárias ao contexto migrante, quanto uma reservada compreensão do contexto histórico sem, contudo, demonstrarem a aceitação às adaptações culturais impostas. Especialmente, no caso da obrigatoriedade do bilinguismo, poderíamos sinalizar como significativas, as posições sobre a questão do entrevistado Sr. Wilson Voigt ao responder à pergunta sobre o elemento motivador para não se falar mais em alemão, o mesmo responde:

“Respeito aos brasileiros e o convívio com pessoas que não falam o alemão. Evitar discriminação e constrangimento”. Resposta que indica a percepção da necessidade de deslocamento linguístico para o favorecimento do convívio social mais harmônico com os falantes de língua portuguesa, língua oficial do Brasil. Já Butzke (2012) elabora outra informação ao associar a discriminação linguística com alteração de hábitos cotidianos. Menciona que um costume, a “visitação aos amigos e conhecidos”, foi sufocado em decorrência da perseguição sofrida pelos imigrantes alemães e seus descendentes no regime do Estado Novo, pois esse convívio poderia resultar em punições de um estado que demarcava a imposição do uso da língua oficial, e entre descendentes de alemão o idioma circulante não era o português.

Mesmo sabendo que transformações ocorreram, e isso em meio a tensões, ainda hoje se pode ver uma tentativa de manutenção dos traços da “germanidade” invocados em atividades que objetivam fazer prevalecer os mesmos como marcas identitárias. Porém a questão é que as migrações são geradoras do multiculturalismo como nas palavras de Hall (2006, p. 7), que tem os deslocamentos identitários como um dos focos centrais de sua obra:

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

“Deslocamento” é um termo usado para falar da fragmentação do sujeito, do rompimento das fronteiras culturais e da ressignificação das artes. Como afirma Hall (2006, p. 9), “esta perda de um sentido de si [...] descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo”.

O fluxo identitário se dá por intercâmbio entre costumes germânicos e tradições locais, numa relação direta, proporcional e relativa. Embora algumas coisas se estabeleçam de acordo com alguma “conveniência” cultural admitida, seguem-se constantes mudanças e deslocamentos que atingiram áreas como: sociabilidade, artes, costumes amistosos, jogos e encontros fraternos, os quais ou foram cancelados ou mudados por outras atividades. Isso acontece, ou por

desenvolvimento das inter-relações culturais ou por interpretações que envolvem juízos de valor, inclusive por se admitir tratamento de critérios considerados legais para fazer contrapartida a algum bem “cultural” negado. No entender de Geertz (2009, p. 254), os fatos têm leis próprias. Assim, quando da necessidade de trato jurídico sobre eles, esta particularidade é evocada para ajudar no aspecto interpretativo do direito. Os fatos e sua natureza (φίσις – νόμος – natureza e lei)¹⁸, têm sido objeto foco da atenção de preocupação jurídica, pois já não “parecem realidades tão puras”. O foco de atenção gira em torno da “explosão dos fatos, temor aos fatos e esterilização dos fatos”. Exemplo disso é que os fatos que permearam a história da tentativa de estabelecimento do *Deutschtum*¹⁹ em Joinville, bem como da Campanha de Nacionalização nas décadas anteriores e posteriores a 1940, não foram suficientemente potentes para sustentação num modo de continuidade.

Outro exemplo, é que os sujeitos participantes desta pesquisa informaram que falam tanto a língua alemã quanto a língua portuguesa. Mas o que fica claro das entrevistas é que o interesse maior era continuar falando alemão ou pelo menos continuar tendo a língua alemã como uma referência cultural e identitária, conforme afirmam respectivamente Butzke (2012) e Voigt (2012) sobre o interesse pela língua alemã hoje: “Preservar a cultura e exercitar o que aprendeu-se” e “preservar as origens culturais”. Os entrevistados expressaram interesse pela cultura germânica especialmente pelas questões que envolvem a língua, pois a língua é um canal que veicula uma determinada cultura, a tradução desses valores em outra língua provoca deslocamentos ou traições. Traduzir é descolar sentidos, portanto alterar valores.

Os indivíduos se apropriam da linguagem para transferir o que se estabeleceu no grupo, às vezes, até como “identidade cultural”. Entretanto não se deve esquecer que esta linguagem está embutida de outros conhecimentos e culturas. Pois, como afirma Paz (1986, p. 54), “a própria linguagem, na sua essência, já é uma tradução: primeiro do mundo não verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase.” Neste sentido, “preservar a cultura” e “exercitar o que aprendeu-se”, como afirmam os indivíduos

¹⁸ Respectivamente palavras de origem grega.

¹⁹ Termo que significa “princípio de germanidade” conforme explicado por Coelho (2008) em entrevista concedida a Raquel S. Santiago in: Tempos de Joinville (p. 32). Vide também Seyferth (1981, p. 3)

entrevistados citados, passa pelo viés da tradução. Cada imigrante faz uma leitura dos fatos e da história, ao se utilizar da memória e de suas diversas narrativas, faz um exercício hermenêutico e caminha em direção da filosofia da história²⁰. Assim, pode-se dizer que “cada leitura é uma tradução, e cada crítica é, ou começa a ser, uma interpretação”, conforme Paz (1986 p. 54).

1. 2. PERÍODO DA NACIONALIZAÇÃO E PERTINÊNCIA CULTURAL

Ao tratarmos de aspectos culturais da atividade imigratória alemã em Joinville, faz-se necessário uma associação com o período do programa de nacionalização levado a termo pelo governo Getúlio Vargas. Deve-se considerar que esse programa contribuiu para impedir, com força política, os “interesses” e possível desenvolvimento das ideias culturais germânicas, entre os imigrantes e seus descendentes. É imprescindível, portanto compreender a ligação do mesmo às transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães, especialmente por causa do evento proibitivo da língua alemã no Brasil.

A Campanha de Nacionalização traz uma interferência no que diz respeito à sustentabilidade da “identidade cultural germânica”, tomada a partir da discussão desta como um fato real ou uma representação.

É a identidade uma representação da realidade cultural ou corresponde à própria expressão cultural? Essa questão vem à baila no momento da escritura, pois apesar de um dos objetos do estudo em foco discorrer sobre a identidade cultural, necessário se faz citar que alguns teóricos da área cultural se posicionam criticamente com relação a dois aspectos: em primeiro lugar questiona-se a necessidade de se ter ou não identidade, e em segundo lugar discute-se a identidade como um mito, uma invenção.²¹

²⁰ Maiores detalhes, vide: Ricoeur, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2010, p. 380,381. O autor discorre sobre o termo alemão *geschichte*, estabelecendo sua diferença com a *histoire*.

²¹ Veja autores como: HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? (2002); _____. A identidade cultural na pós-modernidade, (2006); SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais (2000). HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence, (orgs). A invenção das tradições (1984).

A questão da identidade se destaca como objeto de discussão mais necessariamente no que tange aos estudos da Campanha de Nacionalização. De conformidade com pesquisa realizada por Coelho (1993, p. 9),

Tal campanha foi iniciada oficialmente a partir de 18/04/1938 com o decreto-lei federal nº 383, proibindo atividades políticas de estrangeiros no Brasil, bem como estabelecendo diretrizes para o funcionamento de instituições consideradas estrangeiras. A partir desse decreto, somaram-se outros tantos (federais, estaduais e municipais) que visavam legislar sobre assuntos complementares referentes à educação e utilização do idioma português.

As questões suscitadas neste período já vinham de antemão ocupando espaços nos veículos de comunicação da época e giravam em torno da defesa da nacionalidade brasileira, por parte do governo, em confronto com outros imigrantes, especialmente os alemães e seus descendentes que defendiam a necessidade de permanecer com a nacionalidade alemã, considerando para si apenas a “cidadania” brasileira.

Seguindo a análise de Coelho (1993, p. 10),

[...] a campanha de nacionalização teve como objetivo a afirmação da nacionalidade brasileira – determinada pelo direito de solo. [...] Pretendia-se uma “assimilação compulsória” que suprimisse qualquer manifestação que expressasse ameaça à unidade nacional brasileira. A principal justificativa para sua efetivação em Santa Catarina era que esse estado apresentava varias áreas de influência germânica, portanto vulneráveis à penetração do nazismo. [...] Era natural que Joinville, colonizada por imigrantes alemães a partir de 1851, sofresse atenção especial por parte dos responsáveis pela Campanha de Nacionalização. Ao final da década de 30, predominava nesta cidade o idioma alemão, bem como valores e formas de organização social tradicionalmente germânicas.

Embora não se possa afirmar que a tal campanha objetivasse a destruição de qualquer compêndio cultural relativo à historicidade germânica no Sul do Brasil, interferiu na transformação do conceito de identidade dos sujeitos membros da comunidade germânica. Contudo, imaginar que se possa alcançar uma “mesmidade” frente às diferenças culturais já arraigadas na nação, foi e é uma atividade laborada na base da utopia. Como afirma Campos (2002, p 65) “os conceitos de nação, de nacionalidade, de nacionalismo, são conceitos que unificam, que padronizam, que tendem a homogeneizar, criar identidades [...]”

Assim, quando se pensa em identidade cultural deve-se pensar que as identificações existem por imposição social. Então prevalece o jogo das

representações. Os jogos de poder se estabelecem com base na diferença e em distanciamentos dialéticos no processo histórico. A história se transforma num mito, e conforme afirma Certeau (2002 p. 56):

O discurso sobre o passado tem como estatuto ser o discurso do morto. O objeto que nele circula não é senão o ausente, enquanto que o seu sentido é o de ser uma linguagem entre o narrador e os seus leitores, quer dizer, entre parênteses. A coisa comunicada opera a comunicação de um grupo com ele mesmo pelo *remetimento ao terceiro ausente* que é o seu passado. O morto é a figura objetiva de uma troca entre vivos. Ele é o *enunciado* do discurso que transporta como um objeto, mas em função de uma interlocução remetida para fora do discurso, no *não dito*. No modo dessas conjugações com o ausente, a história se torna o mito da linguagem.

A análise das mudanças culturais ocorridas desde o início do século XX, no contexto da Primeira e Segunda Guerra Mundial, leva-nos a considerar as transformações identitárias sofridas por imigrantes e seus descendentes, responsáveis pela colonização alemã, em Joinville, bem como as consequências dessas mudanças. É importante frisar, como já foi citado, que além de alemães, outros colonizadores como suíços e noruegueses também tomaram parte na história da colonização. Esse fato irá interagir, mais tarde, com a diversidade cultural que se instala, na cidade. O fluxo identitário por parte desses imigrantes e seus descendentes se constitui tanto da interação com os aspectos culturais da nova pátria, como de uma tentativa de perpetuar suas heranças culturais. E, conforme afirma Coelho (2008)²²,

O imigrante deixa quase tudo para trás. Mas na bagagem traz principalmente seu modo de pensar, hábitos, costumes. E, quando vai enfrentar uma nova realidade que lhe é completamente adversa, tem por desafio reconstruir a sua vida. Mas o imigrante do século XIX não veio do nada e, aqui no Brasil, utilizou padrões que eram a referência de vida dele na Europa. [...] Essa identidade está baseada, em primeiro lugar, na herança cultural, ou seja, no princípio de germanidade, o *Deustschtum*.

Essas relações, então, aconteceram num confronto e num esforço de lidar com “o estranho”. O fato, lidar com o “estranho”, o “novo”, o “diferente”, envolve muitas tensões. Na concepção de Bauman (1998, p. 27), “estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo (...)”.

²² COELHO, Ilanil. Em Joinville a nacionalização assumiu foros de campanha. Entrevista concedida a Raquel S. Thiago, In: Tempos de Joinville, UNIVILLE. 2008.

A imposição da ideologia nacionalista pelo estado brasileiro no período ditatorial de Getúlio Vargas (1930-1945), no então denominado Estado Novo (1937 a 1945), e as transformações linguístico-culturais entre os imigrantes alemães entrevistados e seus descendentes em Joinville, SC., eram elementos e situações estranhas aos mesmos. Porém, situação recíproca acontecia em relação aos brasileiros em decorrência das influências de culturas eurocêntricas, políticas facinorosas e especialmente por causa do contexto da Segunda Guerra Mundial.

É, portanto através da ideologia que as tensões identitárias se estabelecem e no caso em apreço não é diferente. A ideologia segundo Geertz (2008, p. 107-134) é um conjunto de ideias e crenças jamais neutras, e sempre tendenciosas às inverdades, ou essencialismos particulares.

As questões ligadas à identidade cultural foram perpassadas pelo Fascismo, Nazismo, Estado Novo, Integralismo, todas se apropriaram de discursos ideológicos para fazer valer crenças e valores. E na DKVJ não foi diferente, ao assumir como sustentáculo a ideologia de resgate da cultura germânica e manter o nome da sociedade em alemão -. *Deutscher Kulturverein Joinville*. Como podemos ver na reportagem de capa do jornal A NOTÍCIA (Edição on line) de 25 de abril de 2010. N° 745: Agora chegou o tempo de lembrar:

Agora chegou o tempo de lembrar: Certamente muitos dos que lerão essa matéria, morando aqui em Joinville ou em cidades próximas, vão se lembrar dos cafés com cuca com os opas e omas, ou ainda das vezes em que as conversas em alemão à mesa eram para esconder algum assunto de “adulto”. Outros poderão rememorar tempos difíceis em que a língua alemã precisou ser esquecida, à força, e os encontros regados a músicas tradicionais na praça deixaram de existir. Memória também é o tema que reúne às segundas-feiras, pessoas com sobrenomes como Wippel, Richter, Barth, Rudnick na Casa da Memória de Joinville. O motivo é a preservação daquilo que o tempo foi se encarregando de apagar a língua alemã na cidade. Numa segunda-feira chuvosa, a saleta na Casa da Memória estava lotada. Senhores e senhoras chegavam a todo instante. Raulino Rosskamp e Jutta Hagemann são os idealizadores do grupo de conversação alemã que acontece desde 2008 e aproxima diversas entidades ligadas à cultura germânica na cidade, como a Sociedade Rio da Prata, Sociedade Lírica, grupo Annelise Grosse e grupo Mittwoch Stammtisch. Além de muitos interessados em treinar o domínio do idioma. “Queremos engrandecer a cultura germânica”, explica Raulino Rosskamp. Anelore Elling vai aos encontros para não perder a tradição. “Em casa sempre falamos alemão e eu continuo ouvindo música alemã”, conta. Já Iracema Bruhns participa do Sprechstunde (significa consulta médica ou hora para conversar com o médico, uma brincadeira com os encontros de conversação) desde o ano passado, quando se aposentou. “Hoje não encontramos formas de conversação na cidade, só em casa com familiares”, lamenta. “A campanha nacionalista da Segunda Guerra Mundial trouxe consequências graves para a cidade”, explica Carlos Adauto Virmond Vieira, presidente da Sociedade

Cultural Alemã de Joinville. Como Joinville concentrava boa parte da população de origem alemã, austríaca e suíça, a cidade catarinense foi palco de um silêncio cultural que aboliu o jornal, a música e o teatro. “Queremos recuperar a cultura sob todos os aspectos e nos surpreendemos com o grupo de conversação. Percebemos que ainda há muita gente que fala o alemão na cidade e que quer reviver a língua.” Os temas são diversos e escolhidos pela relevância e atualidade. “Há também um encontro de gerações”, explica. Philipp Alexander Vieira é filho de Carlos e o novato da turma. Com 15 anos, frequenta o grupo desde o início e aprendeu o alemão em casa. Dona Jutta foi a primeira convidada do grupo. Aos 84 anos, ela lembra dos tempos de guerra na cidade. “Por sorte nós falávamos bem o português também, mas mesmo assim foi muito difícil.” Na época, ela estava no 5º ano do antigo ginásio e soube de muita gente que foi presa acusada de ser nazista, mesmo nem falando o alemão. “A língua foi se retraindo por isso”, analisa. Apesar da pouca idade na época, Edeltrudes lembra bem daquela época. Ela se chamaria Waltraud Mohr se não tivesse nascido naquele 1945. Mas, por causa da marcação cerrada com os alemães foi batizada de Edeltrudes, que não é o mais brasileiro dos nomes, mas foi a opção dos pais para resolver o impasse. Aos 65 anos, ela também frequenta o grupo para não perder aquilo que já lhe foi tirado uma vez, décadas atrás.

A reportagem suscita a memória de vários eventos ligados às tradições da cultura germânica em Joinville. A mesma destaca os encontros de conversação em língua alemã. Embora não sejam citados, os encontros são promovidos pela DKVJ, na casa da Memória, onde funciona sua sede. Estes eventos são valorizados e vivenciados uma vez por semana, motivando alguns associados a se tornar frequentadores ativos desses momentos de conversação. O uso da língua alemã, além de fazê-los voltar ao passado resgatando memórias vividas com os ancestrais, (re)instaura o mito do “resgate da cultura alemã”. O Sr. Roskamp (2012), que segundo essa reportagem é um dos idealizadores do grupo de conversação, ao responder a uma das questões da entrevista para esta dissertação: Qual o seu interesse pela língua alemã hoje? Respondeu de modo incisivo que: “É muito grande [...]”. Situação idêntica se dá com as Sras. Bruhns e Trinks (2012), as quais demonstram que têm muito interesse, buscam aprimoramento e anseiam que os jovens se interessem mais.

Nota-se como o discurso dos entrevistados sinaliza fortes transformações e deslocamentos culturais. Os descendentes de alemães e falantes da língua alemã conviveram com vários conflitos por falta de domínio da língua portuguesa, especialmente no momento histórico da Era Vargas, de nacionalismo linguístico, resultando na assimilação gradativa da Língua Portuguesa. Afirmam, também que “a língua foi se retraindo”, a ponto de não terem certeza se o projeto de (re)vitalização da Língua Alemã, entre os descendentes se manterá entre as gerações futuras.

É preciso lembrar que os imigrantes tiveram que interagir com a comunidade brasileira, iniciando um período de hibridização linguística e cultural. As mudanças linguísticas refletem contato com a comunidade de brasileiros e geram novos hábitos domésticos, relações de trabalho e modos de produção. Concordamos com Ferreira e Orrico (2002 p.8), quando afirmam:

[...] É na linguagem que se constroem as culturas humanas, ou seja, que se constroem as narrativas e os discursos que orientam as nossas ações. Consequentemente, a linguagem, se apresenta como lócus privilegiado para os estudos que pretendem investigar como são e como se constroem as narrativas e as identidades que dela emergem, as memórias que conectam passado e presente dos grupos sociais e que orientarão as relações com o futuro [...].

O aprendizado da Língua Portuguesa instaurou processos interculturais. Como afirma um dos sujeitos entrevistados, Voigt (2012), aprender o português, significava “respeito aos brasileiros”. Momento em que entra em jogo o deslocamento do sujeito. Conforme Hall (2006 p. 11), historicamente, o sujeito vive deslocamentos, pois é “formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem”, ou seja, ele se constitui no fluxo dialógico das interações sociais e se caracteriza como “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades”. (Idem p. 13).

O período após a Primeira Guerra Mundial foi complexo no que tange às adaptações culturais entre os povos que sofreram as consequências dessa guerra que alterou a configuração política econômica mundial. A postura de trabalho e produtividade que os imigrantes europeus e seus descendentes assumiram, foram estratégias de adaptação em realidades nas quais não estavam instrumentados para viver. Embora nem tudo tenha se arranjado com uma grande margem de tranquilidade, alguns resultados fluíram, como a criação de escolas, indústrias, hospital e frentes de trabalho. Movimentos que facilitaram e criaram mais estabilidade por parte dos imigrantes seus descendentes, de maneira que no período do Estado Novo e Durante a Segunda Guerra Mundial, esses tinham uma história já estabelecida. Embora, de modo geral o interesse que prevalecia era a manutenção da nacionalidade alemã, voltados para a maneira como se pensava esta nacionalidade a partir das ideologias dominantes na Europa e especialmente na Alemanha. Como afirma Seyferth (1989, p. 45):

O ponto focal da ideologia nacionalista alemã determina que o povo alemão não necessita estar ligado a um território específico ou a um estado para constituir uma nação. Esta foi uma colocação comum a vários nacionalismos europeus que se fundamentaram no *jus sanguinis*. Assim, o povo (e também a nação) existe desde que certos interesses e espírito comum estejam presentes e sejam mantidos por seus membros. O elo que liga um povo e sua nação é o que os alemães chamam de *Volksgemeinschaft* e *Deutschtum*, o que quer dizer, uma comunidade de interesses e uma cultura, raça e língua comuns – referenciados como a *consciência nacional alemã*.

A história inicial da imigração alemã, vista a partir de uma análise moderna, é marcada também pela idealização da prosperidade, verificada em discursos de exaltação do *Deutschtum*. A própria imprensa alemã presente em Joinville e no Vale do Itajaí se encarregou de difundir assuntos ligados à ideologia nacionalista alemã. Ao comentar as notícias que circulavam no *Colonie-Zeitung*, afirma Cunha (2008, p. 65):

Percebe-se nas suas páginas a elaboração de um discurso que cria uma imagem idealizada de “comunidade”, de caráter nitidamente étnico: uma comunidade ordeira, pacífica e laboriosa, construída pelos pioneiros imigrantes alemães e seus descendentes, portadores da civilização e do progresso e dotados de uma capacidade de trabalho inata e fora do comum.

Essa idealização é perpassada às gerações futuras, mas será que ainda hoje prevalece? Pelo menos alguns descendentes de alemães consideram-se caracterizados em falas nas quais se destacam frases de efeito como: “realce da economia, responsabilidade, ímpeto realizador e perseverança”, como se apresentam nas entrevistas de Rooskamp e Bruhns (2012).

Por outro lado, a imprensa brasileira também se apropriou do espaço para veicular o discurso nacionalista do Estado Novo. A Revista do Brasil que circulou desde 1916, se prestou ao papel de divulgação da ideologia do Estado Novo. Como pesquisou De Luca (2011, p. 5)²³, algumas revistas dessa época (fim do séc. XIX e início do séc. XX),

Compartilhavam semelhanças que permitem caracterizá-las como revistas de escopo mais amplo que o literário. Pode-se filiar à mesma linhagem a primeira fase da Revista do Brasil originalmente concebida pelo grupo reunido em torno da redação do jornal O Estado de S. Paulo que circulou de janeiro de 1916 a maio de 1925. Em seu manifesto-programa, muito provavelmente escrito por Júlio de Mesquita, afirmava-se: O que há por trás do título dessa revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de construir um núcleo de

²³ Revista do Brasil. São Paulo, v.1, n.1, p.2-5, jan.1916

propaganda nacionalista [...]. O milagre a persistência da nossa integridade territorial, a despeito da ausência de laços fortes que umas às outras prendam as populações das diferentes partes do país, precisa pelo futuro andante, perder o caráter fenomenal com que se apresenta e passar a ser resultante natural e lógica, da fusão completa e indissolúvel de todos os elementos étnicos e sociais que formam, de norte a sul, a nação brasileira. [...] Revista do Brasil vem trabalhar por essa obra.

Constata-se, analisando-se o percurso histórico dos povos, e face às suas experiências de hibridismo cultural vividas de maneira múltipla, que no que tange a história dos imigrantes alemães e seus descendentes em Joinville, apesar das perseguições, algum relacionamento intercultural foi alcançado. Porém lutas e enfrentamentos aconteceram gerando também alguma “crise de identidade”.

Como afirma Félix (2006, p. 01),

Enquanto o imigrante estiver isolado em suas comunidades, sejam rurais, sejam urbanas, o problema da falta de domínio do português não parece existir. Mas na medida em que se estreitam os contatos, ou no momento em que o colono deixa seu mundo germânico e sai para contato com a comunidade externa, então o problema passa a ser muito grande. Este contraste é o estopim de uma crise de identidade: ser alemão ou ser brasileiro.

A interferência do processo de nacionalização no desenvolvimento intercultural entre imigrantes, da maneira como ocorreu na Era Vargas, no Brasil e conseqüentemente em Joinville constituiu-se um fator de direito, portanto uma questão também jurídica. Por um lado envolvendo interesses políticos brasileiros e por outro envolvendo questões de direitos humanos. Uma questão que o governo justificou tomando como base o perigo da influência do Nazismo e do Fascismo. Entretanto, como afirma Geertz (2009, p. 258), há por trás dos fatos, uma história mais real, completa. Na análise da história deve-se levar em consideração, “a compreensão de que os fatos não nascem espontaneamente e de que são feitos, ou, como diria um antropólogo, são construídos socialmente, por todos os elementos jurídicos [...]”. Então, outras realidades estavam em jogo naquele momento, justificadas nos interesses tanto de brasileiros como dos imigrantes e posteriormente dos seus descendentes. É no discurso linguístico que essas realidades vão aparecendo com o passar do tempo.

Para fazer valer os intentos deflagrados no Estado Novo, “foi expressiva a utilização, pelo poder instituído, dos meios de comunicação”, conforme afirma Costa (2011, p. 245), assim pode-se afirmar que a língua foi fator preponderante nessa

adaptação. Nota-se que por um tempo, todos os imigrantes tiveram condições de continuar se utilizando de sua língua nativa, e enquanto isso foi possível, a identidade cultural germânica quase que como um todo sócio-cultural, pode ser transmitida e vivida. A influência começa a ser cortada imediatamente com a proibição do uso da língua alemã, como oficial, nos circuitos que envolviam possibilidades relacionais com a identidade germânica. Naquele momento, o governo brasileiro se apropriava do poder para atingir seus objetivos, a saber: fazer frente às influências ideológicas que pretendiam forçar o germanismo nas comunidades ditas “alemães”. Essas comunidades tinham no uso da língua, um suporte de transmissão cultural no qual acreditavam. E, pelo que podemos ver da existência do grupo de conversação da DKVJ que se reúne hoje na *Casa da Memória*, essa crença permanece viva. O objetivo é fazer com que os descendentes de alemães continuem considerando os aspectos linguísticos como fatores constitutivos de nacionalidade. Embora seja necessário dizer que as ideias pangermanistas não são contempladas nos objetivos da sociedade em estudo, a questão linguística que na época foi tomada como fator preponderante para facilitar o estabelecimento daqueles ideais, é a que foi mais atacada. Afinal, a língua é fator cultural por excelência e sobressai-se na comunicação recíproca de qualquer cultura.

Porém, as decisões na época do Estado Novo se deram em função de precauções contra o avanço do nazismo e de outras doutrinas que circulavam utilizando a língua como fator cultural de dominação. A língua era vista dentro dos ideais de pureza racial e constitutiva de uma nação privilegiada. Assim afirma Seyferth (1981, p. 45)

A doutrinação nazista, para sua conveniência, adotou as diretrizes de uma Grande-Alemanha, que incluiria uma grande comunidade racial/nacional alemã baseada no princípio de sangue e terra. O nacionalismo da liberação preferiu, sem dúvida, uma comunidade linguística, baseada na ideia de que a língua é o fator que constitui a nação. Mas tanto os intelectuais do romantismo como os pangermanistas e os nazistas falam de uma pureza racial e linguística alemã, e reconhecem que existe um princípio espiritual do povo alemão que remonta à Idade Média, e que, na sua essência, é representado pela comunidade nacional.

Esses fatores são trabalhados ideologicamente e tem na criação de um Estado Forte um dos seus principais objetivos. Para tanto, explora-se a língua como

instrumento de poder e de unificação, porque a mesma é usada para comunicação de valores impositivos que demarcam um espaço de comunhão nacional.

No dizer de Barthes (2008, p. 12),

O poder é também um objeto ideológico e se encontra em tudo. A nossa verdadeira guerra [...] ela é contra os poderes [...] O objeto em que se inscreve o poder desde toda eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua [...] Toda língua é uma classificação e toda classificação é opressiva.

As alterações dos nomes de algumas ruas centrais em Joinville comprovam uma imposição do tipo da campanha de nacionalização. Deve ser levado em consideração que a Lei Orgânica Municipal de número 5.230 de 10 de junho de 2005, ao tratar dos critérios para a aprovação dos nomes das ruas em Joinville, reitera dispositivos anteriores, ainda do período da nacionalização²⁴ e afirma que as mesmas teriam “que ter fácil pronúncia e entendimento”²⁵.

Conforme afirma Carvalho (2004)

Durante a ditadura do então presidente Getúlio Vargas (1937-1945), foi proibida a utilização da língua alemã e qualquer outro idioma estrangeiro no território nacional. Dessa forma, Joaquim Wolff, prefeito de Joinville naquele período, decretou a lei N° 39, que no primeiro artigo proibiu o uso de tabuletas, letreiros, cartazes, boletins e anúncios de qualquer natureza em língua estrangeira, nas ruas, praças, logradouros, jardins e edifícios públicos. A medida incluiu ainda a proibição em lugares destinados ao público, como cinemas, teatros, cassinos e qualquer casa de diversões, sob pena de multa, além de outras penalidades previstas em lei.

Assim, uma das mudanças que ocorreram por conta da preocupação com a língua está nos emplacements das ruas, as quais hoje trazem uma característica curiosa: a nomenclatura com os antigos nomes em alemão, abaixo dos nomes atuais, conforme se pode verificar nas imagens seguintes. (Figuras 05 e 06).

²⁴ Veja-se lei nº 39/1948 decretada pelo então prefeito Joaquim Wolff.

²⁵ Lei Orgânica do Município de Joinville, nº 5.230 de 10/06/2005 que dispõe sobre a denominação, emplacement, e numeração de vias públicas e próprios municipais e dá outras providências.



Figura 5 - Placa da Rua Dr. João Colin – Referência ao antigo nome
 Fonte: Primária - acervo particular do pesquisador



Figura 6 - Placa da Rua Nove de Março – Referência ao antigo nome
 Fonte: Primária - Acervo particular do pesquisador

Nota-se conforme os exemplos acima, que em determinadas situações os nomes de ruas foram traduzidos integralmente como as ruas: do Príncipe e dos Atiradores, referências respectivas, à *Prinzenstrasse* e *Shützenstrasse*, Carvalho (2004), marcando assim o interesse de continuidade histórica. Enquanto as outras em sua maioria foram definitivamente modificadas, fazendo referências a outros legados da história local.

Conforme afirma Spinassé (2008 p. 2), a língua, sempre exerceu uma função determinante no processo de integração social, deve-se levar em

consideração que enquanto houve oportunidade de se falar alemão por parte dos imigrantes, a preservação dos traços culturais a eles inerentes foi garantida com maior empenho e facilidade inclusive pelos descendentes. Estes que tiveram a oportunidade e o privilégio de conviver com os ancestrais, cuja língua era considerada propriamente nativa, tiveram mais facilidade em se estabelecer numa vivência mais identificada com a diversidade, ou seja, com a cultura germânica e ao mesmo tempo com cultura brasileira em suas tendências híbridas, como se vê desde os primórdios da história. Mas não se pode negar que foi através da língua que essa interação ocorreu.

Na luta pelo aprendizado dos parâmetros culturais brasileiros, pelo aprendizado da Língua Portuguesa, e na conseqüente comparação com o efetivo sistema linguístico dos nativos de alemão, é a língua e a linguagem que estão em jogo. O discurso introdutório de Marina Yaguello em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Bakhtin, 1988, p. 14-17) confirma isso ao dizer que “a fala é o motor das transformações linguísticas, inseparável de outras formas de comunicação e implica os conflitos de domínio e resistência”. Afirma:

Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A enunciação é uma réplica do diálogo social e vem a ser a base da filosofia marxista. “Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a “atividade mental”, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia”.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa acompanharam de perto as influências da Segunda Guerra e do pós-guerra, promoveram em suas respostas, questionamentos sobre etnia e nacionalidade. Deixaram transparecer que as mudanças identitárias foram decorrentes do medo ou acomodação sob pressão. Roskamp (2012), respondendo se havia alguma mudança de costume alemão para um costume brasileiro, identificado como fruto da mudança linguística diz crer “que os imigrantes e seus primeiros descendentes ficaram mais modestos, mais humildes e mais temerosos de se expressar no idioma de sua nova pátria”. Posição reiterada por Voigt (2012), ao mencionar que o silenciamento do uso do idioma alemão era “para evitar discriminação e constrangimento”, pressões essas chamadas por Bourdieu, (2002, p.124) de forças simbólicas em torno de imagens de identidade.

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida quotidiana, não tem outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou a busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (o estilo de vida, no vestuário, na pronuncia, etc.) e que tenha em vista propor por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima.

Certamente isso é uma evidência de que o interculturalismo, presente em todos os tempos, acompanha a emigração alemã, por isso mesmo, apesar das diferenças, a interação recíproca começou a surgir. O mercado, tanto de bens de consumo, como de mão de obra, exigia isso. E foi nessa interrelação que o sentimento de pertencimento começou a aflorar entre os imigrantes. Os encontros culturais entre os imigrantes e brasileiros amenizaram os entrecosques culturais e crises de identidade.

É necessário entender e interpretar o discurso que se utiliza porque quando se trata de fluxos e convivência identitária nem sempre o que se produz discursivamente, corresponde à realidade. Há, nessa ordem, identidades forjadas, quem sabe, sob pressões internas e externas, mas o que deve ser considerado é a ressignificação desses discursos dada na base da vivência social.

Bourdieu (2008 p. 25) levanta a seguinte questão:

O que circula no mercado linguístico não é “a língua”, mas discursos estilisticamente caracterizados, ao mesmo tempo do lado da produção, na medida em cada locutor transforma a língua comum num idioleto, e do lado da recepção, na medida em que cada receptor contribui para produzir a mensagem que ele recebe e aprecia, importando para ela tudo o que constitui sua experiência singular e coletiva. [...] O paradoxo da comunicação é que ela supõe um meio comum, mas que só tem êxito ao suscitar e ressuscitar experiências singulares, isto é, socialmente marcadas.

Para analisar os relatos escritos que constam desta dissertação, devem ser consideradas as circunstâncias históricas, o convívio com o medo de articular suas vozes, o receio das interpretações equivocadas, em relação ao contexto sociopolítico, no qual viviam. O jogo do referencial linguístico sinalizado por Bourdieu (2008 p. 26) evidencia que as palavras comuns podem receber significados diferentes dependendo do contexto em que são produzidas, do espaço social e dos diferentes interesses.

Porém, mesmo com o aspecto de alguma reciprocidade consciente, as vozes dos entrevistados sinalizam a dificuldade de alargar o sentimento de

pertencimento a um novo território sem romper com fronteiras e imposições do discurso regionalista estabelecendo assim as marcas do deslocamento. Porém, conforme explica Bourdieu (2008 p. 110), as fronteiras culturais são postas por “discurso performativo” diante de outras, já existentes, com o objetivo de demarcação regionalista. Certamente a história da cultura, em sua dinâmica, registrará outras experiências entre dominantes e dominados.

A proibição de se falar em língua alemã fora do contexto doméstico, constituiu-se uma imposição linguística e identitária, demarcadas nas entrevistas como forças conflitivas a serem superadas e segundo Bourdieu (2008 p. 108),

As lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem, bem como das demais marcas que lhe são correlatas, por exemplo, o sotaque constitui um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer de fazer reconhecer, de impor as definições legítimas das divisões do mundo social, e por essa via, de fazer e desfazer os grupos.

O tempo se encarregou de criar matizes e releituras. Os deslocamentos e transformações no processo indentitário movidos pela experiência linguística instalou e definiu as novas significações. Com a proibição do uso da língua alemã os entrevistados demonstraram o sentimento de estigmatizados e os encontros públicos e as costumeiras festas entre famílias foram evitadas. O aprendizado da língua portuguesa passou a ser uma imposição política e como consequência a manutenção das tradições germânicas, também assumem novas significações.

As tradições alemãs foram evocadas com destaque na comemoração da imigração alemã em Joinville, referenciadas na obra de Janine Gomes da Silva: *Tempos de lembrar, tempos de esquecer*, onde ela sinaliza que a “memória é tida como perenizada na história local”, apropriando-se de outro argumento ao apontá-la como “[...] um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de significações” (2008, p. 94).²⁶ Nessa mesma obra, no seu prefácio, a autora Rachel Soihet, explica que o objeto investigado, ou seja, “o exame da memória de descendentes de alemães na cidade de Joinville, Santa Catarina, tendo como foco as comemorações do centenário de sua colonização em 1951, constitui matéria controversa [...], e ainda objeto de questionamentos”. (2008, p. 13.)

²⁶ A autora usa um argumento de Alessandro Portelli in: PORTELLI, A. Os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, V. I, n.2. p. 59-72. 1996.

O período da nacionalização trouxe, portanto, resultados positivos e negativos e se apresenta historicamente com significado ambivalente para os imigrantes e seus descendentes, porque os obrigou a repensar as consequências do processo imigratório, fazendo-os entender, à força, a necessidade das mudanças e transformações bem como pensar questões ligadas ao *ethos*, nacionalidade e cidadania.

CAPITULO 2

INTERCÂMBIO LINGUÍSTICO E CULTURAL ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES EM JOINVILLE

Neste capítulo estuda-se a importância do referencial linguístico associado ao desuso da língua alemã e as transformações advindas das relações com os fluxos identitários. A análise considera os fatos linguísticos e os ideológicos segundo a concepção de Bakhtin. O referencial linguístico é tomado aqui para lembrar que foi um dos fatores mais problemáticos, no início da colonização joinvilense no séc. XIX, pois a comunicação é um fator decisivo para a sociabilidade. As relações da língua alemã frente à língua portuguesa, ambas vistas como fundamentos identitários, foram motivos de discussões no campo da cultura, questões que permanecem até os dias atuais. Conforme afirma Seyferth (1981, p 215), “O componente étnico de maior peso para identificar a *volksgemeinschaft*²⁷ é a língua alemã, nesse sentido ela supera a questão racial”. Embora os discursos que ocorriam na Alemanha e na Europa, na época da colonização alemã no Sul do Brasil, envolvessem incentivos com relação à pureza étnica germânica.

Os imigrantes puderam, por um tempo, viver num certo isolamento em suas comunidades e em áreas florestais, conforme informa Seyferth (1981 p. 126). Isso dificultou, o intercambio linguístico com a Língua Portuguesa. Foi através do programa de nacionalização outorgado com o Estado Novo que o aprendizado da

²⁷ Termo que significa comunidade conforme Seyferth (1981 p.125).

Língua Portuguesa entre os imigrantes germânicos avançou em decorrência da imposição do estado brasileiro. Conforme afirma Rost (2008 p. 215).

Somente a partir do século XX surgiu o interesse do governo brasileiro e das comunidades formadas por imigrantes europeus pela aprendizagem do português. No governo Vargas, todavia, o português foi imposto como a língua da educação e dos contextos formais nas comunidades de imigração.

A interação com os falantes nativos passou a constituir uma carência, no momento histórico em que o estado brasileiro impôs aos imigrantes a Língua Portuguesa como língua oficial para eles também. A partir de então, a língua passa a exercer um papel ainda mais preponderante na relação entre a comunidade alemã e brasileira.

Seyferth (1997, p.122), num artigo sobre “a assimilação dos imigrantes como questão nacional”,²⁸ comenta, entre outras, as afirmações de Theobaldo Costa Jamundá, extraídas da obra: “Nereu Ramos. A hora da reconstrução nacional, 1868”, na qual são abordados os efeitos da proibição da língua alemã no Brasil e aponta alguns excessos. Diz ela:

A premissa aí contida remete à língua como princípio fundamental da nacionalidade. E dela resulta a importância atribuída à questão escolar – o sucesso da nacionalização atrelado ao processo de transformação ou erradicação da “escola estrangeira”. Os temas da unidade territorial e do caldeamento são secundários na sua argumentação – a questão crucial é a uniformidade linguística.

As condições político-sociais impuseram a aquisição da nova língua – a Língua Portuguesa. Porém, como já foi dito, esse processo se deu sob tensões sociais e políticas. No entender de Altenhofen (2004, p.83), historicamente, pode-se dizer, que “a política linguística para essas populações de imigrantes alternou entre momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritiva”.

²⁸ SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. 1997, acesso em 07/04/2013 - disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2457.pdf>

A língua e sua expressão têm sido até o presente, um dos mais importantes meios pelo qual o processo identitário se estabelece, ainda que no convívio de variações ou de expressões de força. No dizer de Bakhtin (1988, p.14),

A fala é o motor das transformações linguísticas, [...] inseparável de outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar o seu poder.

Os seres humanos se utilizam da língua constantemente como um meio comunicativo e, em si, não tem necessidade de mudanças, estas, ocorrem por conta da dinâmica humana. Ela é um elemento histórico e cultural e instrumento que pode provocar transformações e deslocamentos na identidade cultural. Porém, como afirma Saussure (1975, p. 88), “de todas as instituições sociais é a que oferece menos oportunidade às iniciativas. [...] forma um todo com a vida da massa social, e esta, sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação”.

As mudanças que vieram a ocorrer, com o passar dos anos, nos usos e costumes ou na linguagem, como fatores de identidade, entre descendentes de alemães em Joinville, foram provenientes das diferenças e das pressões culturais. Quando foi determinada a proibição da língua alemã, como fruto da instituição do regime do Estado Novo e do conseqüente programa de nacionalização, as mudanças com relação à comunicação aconteceram, porém como um projeto de Estado que, no momento, aproveitou-se da posição de mando, portanto, colocado em status dominante. Para os imigrantes e seus descendentes, a língua, como patrimônio cultural constituía um elo de união e fortificador do grupo, bem como a manutenção das raízes culturais europeias.

Conforme se expressa Seyferth (1981, p. 101), a partir de 1930 a língua assume um lugar preponderante “nas discussões sobre o *deutschum*” quando se constata a “ameaça” iminente da “nacionalização do ensino” com discursos que visavam a “uma comunidade nacional com base numa língua comum e numa cultura comum”. A autora destaca um texto publicado em importantes jornais da época intitulado “os dez mandamentos do teuto-brasileiro”, o qual nominava em quatro itens iniciais questões ligadas à afirmação da preservação da língua alemã, a

qualquer custo. Esses itens tratam da fala, da escrita, da promoção e do esforço em manter a língua alemã como primeira língua identificadora dos sujeitos socialmente.

Porém, analisando-se pela ótica da história, o governo brasileiro tomou medidas autoritárias diante do que considerou o “perigo alemão”. Pois, conforme análise feita por De Luca (2011, p. 282), havia uma tentativa de criação de uma província alemã no Brasil e um artigo da *Revista do Brasil* de 1940, objeto de sua pesquisa, salienta o avanço na América da ideologia ariana nazista, cujos termos faz-se oportuna sua transcrição:

Herman Rausching transmitiu a todos os povos americanos, no *Hitler disse-me*, oportunas advertências sobre os planos do Führer na América, concebidos em 1933, logo no início de seu governo. Naturalmente o Brasil vinha em primeiro lugar. Hitler pensava em edificar uma nova Alemanha em nosso país. “Ai encontraremos tudo de que tivermos necessidade”. Para o Führer existem aqui todas as condições de uma revolução que lhe permitiria, em alguns anos “transformar o Estado governado por mestiços corruptos em um domínio germânico”.

Algumas atividades e literaturas desta época deixam claro que havia “uma tentativa de criação de uma província com ideologia nazista, um esquema de nação”, influência de veiculações literárias identificadas com fanatismo pró Alemanha e os ideais da Liga Pangermânica, conforme afirma Seyferth (1981, p. 50,51). Associando as repressões políticas para evitar uma possível revolução nazista no sul do Brasil com as respostas dos entrevistados sobre como perceberam o cerceamento cultural no período do Estado Novo, os sujeitos apontaram o cancelamento de eventos culturais, especialmente as festas realizadas no âmbito da família, como fatos que mais marcaram suas memórias sobre o período. Embora isso tenha acontecido como uma intervenção dos imigrantes para amenizar o conflito, o processo não foi tão simples.

Esse quadro foi assemelhado a um trem o qual tinha a estação final como extremamente duvidosa. Exemplo introduzido pela cinematografia, no filme *O trem da vida*, de Mihaileanu²⁹, no qual, é simulada a narrativa de uma viagem de judeus retornando à Palestina, projeto que flui da mente de Schlomo, personagem

²⁹ O trem da vida. Filme de Radu Mihaileanu, - Romênia/França, 1998, trata da questão da cultura e das imbricações linguísticas, jogo de poder, sincretismo e diversidade cultural.

considerado “louco”, por ser alguém profundamente dominado e marcado pela memória. A “viagem” segue em direção à Rússia, num trem com “refugiados judeus” compostos pelos moradores de uma vila isolada no interior da Romênia. Nesta vila habitavam judeus que formavam uma comunidade que se apresentava como heterogênea, com representantes ortodoxos, liberais, comunistas declarados e alguns até suspeitos de serem simpatizantes do nazismo. A principal abordagem crítica do filme está centrada na questão da língua. O personagem que interpreta um Rabino, líder espiritual da aldeia, quando numa reunião para resolver o “problema” da aproximação dos alemães é interceptado por uma mãe que pede silêncio para não acordar as crianças e o Rabino diz: “Como poderemos pensar sem falar?”. O discurso oral pedia licença num contexto proibitivo e a comunidade deveria se manifestar como uma voz coletiva.

Na viagem metafórica da vida proposta pelo cinema, acontecem algumas coisas reveladoras de quão heterodoxa era a condição cultural daquele grupo. Alguém de nome Mordechai é escolhido como comandante da “tropa fictícia” e do trem, por ser quem falava a língua alemã, sem muito sotaque. Este, porém, era comunista. Ao ser interceptado por uma guarnição alemã na estrada, convenceu o oficial de que o trem transportava judeus especiais porque, disse ele: “além de judeus são também comunistas”. Ao final da diligência militar, interrogado sobre onde poderiam estar os judeus que fugiram de um “vilarejo”, o “comandante” Mordechai diz para o oficial não se preocupar porque os judeus que habitavam o lugarejo deveriam estar visitando alguém da família ali por perto e que voltariam, pois os judeus são assim: “andam, andam e sempre voltam, sentem falta de suas raízes”. Naquele momento “o trem da vida” transformava-se assumindo um caráter mais ideológico: era um trem com homens, mulheres e crianças que lutavam em torno da preservação cultural. Ademais, o trajeto reservou surpresas que os fizeram descobrir, por exemplo, como ações recíprocas de outra comunidade judaica, formada de ciganos, “estranhos”, “diferentes”, puderam aproximar as relações com vistas a um objetivo comum. O “trem da vida” sonhado pelo “louco” Schlomo é a representação da “sublime loucura” que reclama a diversidade cultural e sinaliza que a loucura está associada ao desejo de pureza étnica.

Hoje, sabe-se que muitas coisas deixaram de ser transmitidas em discursos ou práticas culturais comuns, devido às dificuldades de aceitar a interação cultural. Uma visão mais abrangente do mundo, suas relações subjetivas e objetivas, foi

observada entre os sujeitos entrevistados, especialmente quando lamentam a proibição da língua com consequências imediatas nas interrupções das atividades culturais desenvolvidas em língua alemã, e as dificuldades do impedimento de comunicação com os falantes da língua materna, e ainda, as dificuldades pela necessidade de se falar o português, uma língua que não dominavam. Situações complexas presentes na relação entre o uso de uma língua materna e uma segunda língua, nesse caso, da língua alemã, e a interferência obrigatória da língua portuguesa, como se transparecem nas entrevistas, no exemplo de Asta dos Reis (2012) que lembra como “*Frau Schroeder*, sua mãe, passou a ser Dona Gertrudes e Seu *Schroeder* (pai) passou a ser Seu Conrado”, na época da nacionalização, ou seja, suas identidades foram abasileiradas.

Naquele momento o governo brasileiro se apropriava do poder de imposição de uma língua nacional para atingir os imigrantes no que tinham de mais especial para a transmissão cultural: a Língua Alemã. Então o poder dominante oprimiu linguística e culturalmente, quedando-se às exigências do contexto social. Reafirma-se o que diz Bakhtin (1988, p. 66), “A palavra revela-se no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”.

O tempo se encarregou de criar matizes e releituras. Os deslocamentos e transformações no processo identitário movidos pela experiência linguística instalaram e definiram novas significações e visões de mundo. A maioria dessas, apropriadas da linguagem do mito.

O “sistema mítico” difere, segundo Barthes (2001, p. 139) do sistema linguístico. Neste, o significante é de ordem “puramente psíquica”, imotivado. E o significado, é de ordem conceitual, ou seja, serve-se dos sentidos lhe aplicados intencionalmente pelos indivíduos. Naquele, as relações associativas fazem surgir várias significações extraídas dos significados (determinados), e da criação “motivada” de outros significantes, uma cadeia de descobertas simultâneas.

Os valores que subjazem aos questionamentos presentes nas releituras e nas novas narrativas, reinventadas à luz da história são de uma sociedade com necessidades emergentes. Nesse sentido o mito não é só uma linguagem, é, sobretudo, uma fala, para concordar com (Barthes, 2001 p. 132), “[...], pois é a história que transforma o real em discurso [...]. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história [...]”.

Dentro desse patamar o câmbio linguístico foi gradativo. Aos poucos, os imigrantes e seus descendentes foram construindo novas narrativas e redirecionando o seu discurso. Tornou-se então perceptível o intercâmbio identitário tendo como mola propulsora dessa transformação o referencial linguístico, embora o grupo identitário quede-se diante dos efeitos sociais e econômicos, conforme proposição de Bourdieu (2002 p.125).

A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a conquista ou a reconquista de uma identidade, mas a reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade, de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que, entre os seus, não querem ou não podem negar-se) para se fazer reconhecer.

A interferência mais imediata e acentuada que se nota, a partir do câmbio linguístico, acontece na identidade. Consequentemente há novas identidades em ação, novos discursos e uma nova interpretação dos fatos da época em estudo, pois os sujeitos, conscientes das mudanças que aconteceram, e como aconteceram, hoje aplicam outros olhares numa análise diacrônica.

Os descendentes de imigrantes alemães que viveram em Joinville nas décadas de 1940 e 1950 acompanharam de perto as influências pós-segunda Guerra Mundial. Neste período o que estava em jogo na questão das identidades, era a desconstrução política, cultural, sócio-econômica e como em todas as discussões que visam a questionamentos étnicos e nacionalistas, o apego aos vínculos territoriais. Encontramos esse jogo na voz de Hall (2006, p. 20) ao sugerir o envolvimento da política, da cor, do sexo e da filosofia interferindo nas mudanças, de conformidade com a interpelação ou representação do sujeito. Os resultados haviam sido experimentados em séculos anteriores, com projeções na atualidade. Exemplo claro sobre isso é colocado por ele ao se referir ao caso do Juiz “negro” norte-americano, Clarence Thomas, indicado pelo presidente Bush para a Suprema Corte, e que tinha sido “acusado de assédio sexual por uma mulher negra”, mas por conta de sua ideologia política no que diz respeito à defesa da “legislação de igualdade de direito”, viu levantar-se em torno de seu nome questões tipicamente ligadas ao “jogo de identidades”. Estereótipos sobre liberalismo, raça e sexismo vieram à tona em severas discussões às quais apontam a fragilidade das mudanças identitárias, como afirma o mesmo (2006, p. 21),

Uma vez que a identidade muda de acordo como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*.

A mudança do sujeito do iluminismo para o sociológico e o deslocamento que a globalização provoca na contemporaneidade, segundo Hall, (2006, p. 13) é promotora do jogo das identidades. Fenômeno considerado por Bakhtin (1988, p.36) como “ideológico por excelência”. Pois, para Bakhtin todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (verdadeiro, falso, correto, bom), então podemos crer que as mudanças identitárias se assentam também em bases semióticas e assim, o ideológico passa a ter um valor semiótico.

Não se trata aqui de isolar e delimitar o referencial linguístico como objeto de estudo específico, como Bakhtin faz com a linguagem. Ele traz “duas orientações para todas as demais questões que se colocam em linguística” que chama de O “subjetivismo idealista” e o “objetivismo abstrato”. Estes estão presentes nas variações linguísticas e trocas de costumes, nos deslocamentos identitários. Assim defende Bakhtin (1988, p. 82):

Os atos individuais de fala constituem, do ponto de vista da língua, simples refrações ou variação fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculos nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si.

Devido à influência do “germanismo”, especialmente na questão da língua, tornou-se Joinville uma cidade visada no período da campanha de nacionalização, abalando também setores da economia, pois muitos comerciantes, donos de açougues, mercearias, panificadoras, bares e outros negócios considerados básicos para população foram forçados a uma mudança brusca, e não utilizar a língua alemã publicamente com os consumidores/clientes, inviabilizando relações sociais e comerciais no espaço urbano e rural.

Capítulo 3

HIBRIDISMO E MITO NO INTERCÂMBIO IDENTITÁRIO

Neste último capítulo são analisadas as entrevistas realizadas, sob a perspectiva do hibridismo cultural e dos mitos criados em torno da linguagem, bem como a diversidade cultural como uma das transformações mais importantes impulsionadas pelos deslocamentos do sujeito e objeto dos fluxos identitários.

Ao escrever sua introdução à edição de 2001 de *Culturas híbridas, estratégias para entrar e sair da modernidade*, Canclini (2008 p. XIX) entende “por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O autor parte da compreensão de que o que ele chama de “estruturas e práticas discretas” são em tese, frutos de hibridação. Sustenta ainda que o seu “objeto de estudo não é a hibridez, mas, sim, os processos de hibridação”.

Assim afirma Canclini (2008, p. xxii)

[...] Por essas razões, sustento que o objeto de estudo não é a hibridez, mas sim, os processos de hibridação. A análise empírica desses processos, articulados com estratégias de reconversão, demonstra que a hibridação interessa tanto aos setores hegemônicos como aos populares que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade. Esses processos incessantes, variados de hibridação levam a relativizar a noção de identidade. Questionam inclusive a tendência antropológica e a de um setor de estudos culturais ao considerar as identidades como objeto de pesquisa.

Com isso Canclini levanta uma discussão voltada para o hibridismo cultural, idealizado num movimento constante, o qual combina vários e intensos fluxos

culturais. Ao rejeitar a ideia de um hibridismo como que estabelecido, muito possivelmente ele quer relacionar, linguisticamente, o verbo hibridizar ao seu aktionsart³⁰, evitando o seu uso num aspecto léxico de ação perfectiva para colocá-lo numa ação direta imperfectiva com os fluxos identitários. A “noção semântica de tempo”³¹ (diferente da noção gramatical), conforme Ducrot e Todorov (1988, p. 278) podem esclarecer como a “atividade” de hibridização vista em aspecto de continuidade e de reciprocidade ampliam o hibridismo e atraem a conjuntura da diversidade cultural.

Historicamente, sabe-se que mesmo antes do processo imigratório, os alemães que aqui aportaram tinham, sim, alguma experiência de hibridismo cultural em suas origens. A Alemanha, como todos os países europeus, convive num grau de proximidade com outros povos e culturas, considerável, se comparada, a distância da mesma com outros países intercontinentais. É impossível imaginar que essa proximidade não tenha interferido na facilidade de deslocamentos e transformações culturais desde o início da colonização alemã no Brasil. Sem contar as questões antropológicas ligadas à etnologia. As famílias passaram por experiências de trocas interculturais envolvendo raça, língua e nação em todos os períodos da história e no caso da Alemanha com o advento das Guerras entre a Prússia, França e Áustria, certamente o hibridismo foi uma realidade. Isso para não falar das origens mescladas do povo ariano. Todos esses dados, portanto, devem vir à tona quando se trata do processo imigratório.

Um romance escrito por Thomas Mann em 1901, intitulado “Os Buddenbrook, a decadência de uma família”, mostra como os deslocamentos culturais e linguísticos produzem transformações identitárias na família, cuja abordagem ficcional, o autor toma como objeto de análise. Mann revela como a diversidade começa a se introduzir no seio familiar a partir de duas vertentes: Em primeiro lugar no momento em que os filhos saem do seu “espaço cultural” e começam a conviver com as diferenças externas. Em segundo lugar na convivência com o “estranho” no seu próprio meio como: empregadas domésticas, negociantes

³⁰ Aktionsart: Termo alemão relacionado ao “aspecto verbal”. Refere-se às quatro classes acionais dos verbos segundo Vendler: estado, atividade, accomplishment e achievement. Neste particular, a linguística estuda várias questões incluindo o aspecto durativo e télico da ação verbal.

³¹ Para uma maior compreensão vide: Ducrot, Oswald e Todorov, Tzvetan. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. São Paulo: Ed. Perspectiva 1988.

do comércio exterior, amizades provenientes de lugares que permitiram intercambiar valores e expor diferenças, culminando o enfraquecimento das relações culturais hegemônicas e dominantes na comunidade. O excerto a seguir descreve um jantar na casa dos Buddenbrook, no qual, verifica-se a convivência pacífica com a diferença dialetal.

Sem querer os convidados empregavam cada vez mais o dialeto regional, esse modo de falar cômodo e descansado, que parece exprimir ao mesmo tempo a concisão do comerciante e a indolência da gente abastada, e que, de vez em quando eles exageravam numa auto-ironia jovial. (MANN s/d p. 25)

Nesse romance Mann, (s/d, p. 236), cria personagens, que no convívio com as diferenças, conseguem evidenciar o distanciamento que a família burguesa estabelece em relação aos inferiores na hierarquia social e a hipocrisia das regras como divisor de águas, como se pode ver do excerto abaixo:

O retorno de Christian, após uma ausência de oito anos, levou a família a visitar o túmulo do cônsul. Lá Christian age indiferentemente aos sentimentos familiares e em casa age como se o luto nada lhe dissesse. Mesmo repreendido continuou falando de sua paixão pelo teatro, preconizando algumas representações e canções.

As atitudes e a fala de “*Christian*” revelam que pelo tempo que esteve fora, se deixou assimilar por uma diversidade de costumes que não correspondiam à realidade histórica e tradicional de sua família. Os familiares e amigos o viam com certa reserva e preocupação. Atitudes que poderiam implicar questões meramente pessoais, pois oito dias depois de sua chegada, ele assume seu lugar de procurador na firma da família. Os negócios não fluíam bem, contudo ele continuava alegre e contador de causos e piadas. Jeito que parece ter aprendido por onde andou. Seu irmão achava isso exagerado. “Não gostava Thomas de saber que o irmão mais moço viajara muito e vira mais do mundo do que ele próprio?”

“O chefe da firma Johann Buddenbrook medira o irmão no dia de sua chegada, com um olhar demorado e investigador. Durante os primeiros dias dedicara-lhe uma observação absolutamente discreta e incidente; e com isso, sem que se pudesse ler-lhe um parecer no rosto calmo e reservado, parecia satisfeita a sua curiosidade e fixada a sua opinião. Falava com ele, em círculo da família, em tom indiferente e sobre coisas indiferentes [...]”.

A evocação dessa obra literária neste momento é pertinente considerando-se o cunho autobiográfico da obra, pois Thomas Mann como filho de alemão e de uma brasileira, afrodescendente, conviveu com a diversidade cultural projetada ficcionalmente no romance. O autor revela como a diversidade convive como um fluxo linear constante, pluridimensional e impossível de deter.

A tendência em Joinville, como qualquer cidade brasileira que se constitui no fluxo humano é marcar pela diversidade tanto étnica quanto cultural, em qualquer momento histórico. Quando da chegada dos imigrantes europeus havia entre alemães, noruegueses e suíços. E embora essa realidade não tenha sido motivo de abordagem no início de sua história, hoje é assim que esta se apresenta. Essa realidade, entretanto, interage com outros discursos como se pode compreender da afirmação de Silva (2008, p. 39).

Uma cidade sempre apresenta múltiplas facetas, mas em Joinville, onde a presença dos teuto-brasileiros é grande e a história da imigração os privilegia, um discurso a construiu como uma cidade germânica, numa operação de encobrimento da diversidade. Foi no espaço da cidade, mesmo que reduzida à região central e não representando toda cartografia, que se desenvolveram as ações, [...].

A Sociedade Cultural Alemã de Joinville - DKVJ mantém participação efetiva nas festas tradicionais germânicas, mas também nas festas populares genéricas como “das etnias” e “das tradições”; celebram-se cultos ecumênicos. Isso pode indicar um esforço de interação e convivência com a diversidade.³²

Contudo o interesse pela língua alemã está diretamente ligado ao desejo de preservação da “memória cultural das origens”. Todos os sete entrevistados demonstraram ter vivido experiências de transformações culturais. Alguns mantiveram o alemão como primeira língua, mas todos aprenderam o português, mesmo porque ainda era muito cedo para uma mudança radical. O idioma alemão predominou, conforme afirma Coelho (2005, p. 62), até a “década de 30” e envolvia todos os ambientes.

Nas entrevistas realizadas ficou evidenciado que o discurso sobre as mudanças culturais foi decorrente da proibição do uso da língua alemã, no período da nacionalização - período político tenso que teve no referencial linguístico sua importância. Trinks (2012) lembra que seu “pai chegou a ser preso” por falar em

³² Conforme registro dos relatórios da entidade referente aos anos de 2001 a 2011.

língua alemã; enquanto Roskamp (2012) afirma que as mudanças ocorrem com “a posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial, com a proibição da língua e atividades teatrais culturais alemãs”. Entretanto Reis e Hardt (2012) constataam que os espaços e interlocutores da língua alemã diminuíram, ou seja, o mito de um *modus vivendi* é recuperado por essas memórias. Verifica-se, portanto em todas essas circunstâncias a existência da memória enquanto mito. Porém, essas mudanças ocorreram também como fruto do convívio com os brasileiros e da escolarização. Voigt (2012) identifica “o convívio com os brasileiros que não sabem falar alemão” como um dos fatores para o esquecimento da língua alemã. É nesse sentido que os associados valorizam no discurso a perspectiva de resgate da cultura.

A preservação da cultura alemã através da língua é o elemento motivador presente nas práticas discursivas, e os eventos culturais promovidos pela DKVJ procuram deixar isso muito claro, contudo, tais discursos também esclarecem que a entidade é um espaço de “portas abertas para receber e associar amigos da cultura alemã, de qualquer origem”, conforme se pode verificar na fala³³ constante do *site* mantido pela própria sociedade, bem como na figura nº 07 referente ao folheto de divulgação da entidade publicado no início das atividades para o ano de 2013.

A Sociedade Cultural Alemã de Joinville quer, de um lado, contribuir no resgate da cultura germânica trazida pelos imigrantes e, por outro, incentivar um maior intercâmbio entre as culturas contemporâneas dos dois países. A etnia germânica foi a primeira a iniciar a colonização de Joinville e foi a que emprestou o seu perfil à cidade. Joinville é conhecida em todo o mundo como uma cidade alemã no Brasil. A filosofia da Deutscher Kulturverein é de “portas abertas”. A Kulturverein não foi criada somente para alemães ou para descendentes de alemães, ela não exigirá de seus associados o conhecimento da língua alemã. Ela foi criada para abrigar todos os amigos da cultura alemã. A casa onde funciona a Kulturverein é conhecida como: a casa dos amigos da cultura alemã.

³³ <http://www.culturaalemajoinville.com.br/quemsomos.htm> acesso em 05/03/2013



Figura 7 - Folheto de divulgação DKVJ- 2013 - Fonte: primária - Acervo DKVJ

Tais fenômenos observados em dois eventos: O 3º encontro da cultura alemã em Joinville, com um jantar de confraternização de fim de ano (Fig. 08), e o 1º domingo musical de 2013, em que se celebrou o centenário do último enterramento de um imigrante alemão. Os convites distribuídos trazem explícita a intenção de resgate da língua e da cultura alemã conforme se pode ver, na linguagem e no uso das cores que sugerem motivos germânicos. Porém, o processo proibitivo da língua transmigra também para outras atividades culturais e repercute num sufocamento do sentimento de nacionalidade alemã. E é esse elemento, a cultura, que mais aparece nos discursos, demonstrando que já não se leva tanto em consideração a questão

linguística como sistema formal e fator de obrigatoriedade, mas a perda de identificações culturais e a criação de outras para formar a orquestra preconizada por Paz (1986, p. 54), o “concerto” da diversidade, uma harmonia entre as multiculturais traduções das culturas e identidades enredadas nos imbricamentos de sua própria diversidade.

Naturalmente, a sincronia não é perfeita, mas basta que nos afastemos um pouco para perceber que ouvimos um concerto em que músicos, com instrumentos diversos, sem obedecer a nenhum maestro nem sequer qualquer partitura, compõem uma obra coletiva em que a improvisação é inseparável da tradução, e a invenção da imitação. Às vezes um dos músicos se lança a um solo inspirado: pouco tempo depois os demais o seguem, introduzindo variações que tornam irreconhecível o motivo original.

Ao mesmo tempo em que admitem a perda da Língua Alemã como identidade linguística, os descendentes de alemães, também, afirmam sua persistência em continuar estudando e aprendendo mais da Língua e tentando de alguma maneira interagir com alguns remanescentes culturais, (Voigt, Reis, Trinks (2012). Assim, deve ser levada em consideração, que as transformações culturais são fruto da inexistência de neutralidade no processo, como afirma Decrosse, (1989, p. 19),³⁴ ao descrever a língua materna como um mito:

Mas seria utopia acreditar que as línguas maternas tenham adquirido, de imediato, uma realidade. Bem ao contrário, a noção, o termo e os usos foram forjando, aos poucos, uma identidade através de séries de operações socioculturais, políticas e religiosas, das quais, cada momento tem uma identidade própria e estados linguísticos distintos.

Os sujeitos da pesquisa mitificam os costumes que lhes foram deixados por seus antepassados. Hoje, ou não possuem mais, ou com muitas dificuldades tentam preservar. Butzke (2012) coloca a “visitação aos amigos e conhecidos” como prática que hoje já não realiza mais; e Voigt (2012) relembra as “festas e bailes em Clubes de Caça e Tiro - *schützenverein* e *schützenfest*, torneios, festas e bailes de Rei e de Tiro ao alvo”, as quais juntamente com aspectos folclóricos procura-se manter com vistas à preservação de uma tradição mitificada. Nesse sentido falam de uma identidade idealizada por uma suposta pureza, questionada pelos estudos antropológicos e culturais, pois descendentes de alemães entrevistados, apesar do

³⁴ DECROSSE, Anne. Um mito histórico, a língua materna. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane. (Org). *Multilinguismo*. Campinas, Unicamp, 1989.

apego às raízes culturais, também viveram mudanças e deslocamentos, e embora não demonstrem que tenham se apercebido disto, viram “relativizada sua noção de identidade”. De modo geral todos os entrevistados que se afirmaram como falantes da Língua Alemã, também responderam que têm na Língua Portuguesa a sua identidade linguística. Isso significa que em meio aos fluxos identitários, alguma transformação linguística se instalou, incidindo no impedimento do desejo de uma identidade pura.

E assim confirma Canclini (2008, p. xxiii),

A ênfase na hibridação não enclausura apenas a pretensão de estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”. Além disso, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentem afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização. Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência, é absolutizado um modo de entender a identidade e são rejeitadas maneiras heterodoxas de falar a língua, fazer música ou interpretar as tradições. Acaba-se, em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura e a política.

A análise das entrevistas sinaliza que os indivíduos têm consciência do hibridismo existente como uma realidade histórica que tem início com o programa de nacionalização. Isso se depreende das respostas dadas, quando perguntados se havia alguma mudança de costume alemão para um costume brasileiro identificado como fruto de mudança linguística. Butzke (2012) reafirmou que os costumes sofreram mudanças e os problemas gradativamente “foram superados”. Voigt (2012) salienta que “o convívio com os brasileiros que não sabem falar alemão” foi um elemento novo que fez “com que a língua alemã caísse no esquecimento”. Já Hardt (2012), lembrou a questão dos casamentos, que antes “deviam ser com pessoas da mesma raça”. Trinks (2012) detalhou que “algumas palavras da língua portuguesa foram *alemoadas*” e Reis (2012) relembrou o abrasileiramento dos nomes próprios. Estes nomes ou foram simplesmente transliterados, ou acomodados foneticamente, ou traduzidos, ou ainda mudados aproveitando-se de novos dados históricos, como é o caso dos nomes de ruas. De modo geral a mudança dos nomes próprios não apresenta relação de ordem linguística.

Todos esses fatores podem ser compreendidos como motivadores de transformações e deslocamentos, e foram vividos em meio a fluxos identitários

diversos. Essas experiências anulam qualquer pretensão de se instalar uma identidade pura com ligação estrita à “cultura alemã”.

Contudo essas mudanças foram complexas considerando-se a realidade linguística. Como se pode deduzir das entrevistas apresentadas a maioria dos descendentes têm na Língua Portuguesa sua identidade linguística, embora todos falassem o alemão na infância ou algum dialeto, como no caso de Butzke (2012) que também falava o pomerano. Foi no convívio escolar que se começou a falar o português como segunda língua, “convivendo com crianças que não são de origem alemã”, conforme afirmam Voigt, Reis e Bruhns (2012), e Butzke (2012) ao citar que foi “no início das aulas” que ocorreu a “mudança” de percepção de valores identitários. No caso de Hardt (2012), o mesmo ao entrar na escola ainda não falava nada em português. São mudanças como essas que ajudaram a operar o hibridismo cultural e desconstruir o aspecto emblemático ligado à identidade e à luta em torno de classificação regional. Sobre isso, afirma Bourdieu (2008 p. 108):

As lutas em torno da identidade étnica ou regional, quer dizer, em torno de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem bem como das demais marcas que lhe são correlatas, como, por exemplo, o sotaque, constituem um caso particular das lutas entres classificações, lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, *de fazer e desfazer os grupos*. O móvel de todas essas lutas é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, tão logo se impõem ao conjunto de um grupo, estabelecem o sentido e o consenso sobre o sentido, em particular sobre a identidade e a unidade do grupo, que está na raiz da realidade da unidade e da identidade do grupo.

Contudo, nas programações e eventos ainda há uma demonstração de luta por um discurso identitário como numa tentativa de retornar às origens. Nesse sentido podemos entender que se utilizam do discurso para afirmar a identidade cultural germânica como um mito, vista numa perspectiva de distanciamento da história. Desta forma se instala o “sabor da literatura”, como no dizer de Barthes (2008, p. 21). É a literatura que revela as muitas alternativas da língua. “A escritura se encontra em toda parte onde as palavras tem sabor. Saber e sabor vêm de uma mesma etimologia. [...] Na ordem do saber, é o sal das palavras que faz com que este se torne profundo, fecundo”.

O que jaz nas entrelinhas da filosofia da história está na trilha da “teimosia” da literatura. “[...] A literatura é categoricamente realista, na medida em que ela

sempre tem o real por objeto de desejo; [...] ela é também obstinadamente: irrealista; ela acredita sensato o desejo do impossível”. Barthes chama a isso de “função utópica” – “a história” - É nesse sentido que o conceito de escritor, que é trazido, vai além de uma função e respinga numa prática, comum e constante, diz, Barthes, que o sujeito dessa prática é associado ao espia teimoso, que deve estar na encruzilhada de todos os discursos, em posição “trivial”. A grande característica da literatura e do escritor deve ser o deslocamento e o “transportar-se para onde não se é esperado”. O lugar da literatura é na teimosia e no deslocamento, lugares onde a língua tenta escapar ao seu próprio poder e se apresenta relacionada ao teatro, à apresentação, à *mimesis*. É nesse sentido, também, que os sujeitos lembram o peso cultural de padrões educacionais. Bruhns (2012) afirma: “a gente adquire hábitos na infância e disciplina [...] Sou muito observadora e mantenho postura firme”.

A manutenção e a exaltação de mitos nacionais como símbolos de germanidade se apresentam como desejo no próprio grupo em estudo. Como se pode ver na figura de nº 08 com os detalhes das cores da bandeira alemã em formato de coração ilustrando um cartaz de um evento organizado pela Sociedade Cultural Alemã de Joinville.



Figura 8 - Convite do 3º encontro da Cultura Alemã em Joinville

Fonte: primária - acervo DKVJ

Como já dito, a linguagem mítica existe a partir de significantes que são criados com base nos conceitos que formam o “determinado” linguístico. As narrativas compõem, portanto, as criações literárias que conduzem às identidades culturais, estas, pode-se afirmar, situam-se no que Barthes (2008, p. 17) chama de “forças da literatura”, usando três conceitos gregos: μαθήσις (*mathesis*), μιμήσις (*mimeses*) e σημεῖσις (*semiosis*), assim compreendidos: μαθήσις - ação de apreender, de se instruir, de receber conhecimento; μιμήσις - imitação, imagem, representação teatral; e σημεῖσις - (σημα - sinal) – sinal distintivo, marca, aviso. Pela *mathesis* a literatura traz todos os saberes; “pela *mimesis*, a literatura é usada para representar o real, embora este não se possa representar”; com a *semiosis*, Barthes joga com os signos e diz que essa é “a terceira força da literatura”. É aqui, na semiologia, que Ele situa o mito. Considera que ela saiu do original, a “linguística”, interagiu com todas as áreas e se desconstruiu. A essa desconstrução, Barthes chama de “semiologia”. (2008, p. 30). O discurso que advém determina o mito identitário - “Pois o que pode ser opressivo num ensino não é finalmente o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto” (2008, p.41).

O poder das narrativas conforme afirma Campbell (1990 p. 6) são geradoras de “[...] pistas para as potencialidades da vida humana” e de uma “experiência de sentido”.

Os elementos festivos muito próprios da cultura alemã apresentam-se como fator de nostalgia. Com a campanha de nacionalização deflagrada pelo Estado Novo (1937-1945), tudo que era ligado a essa cultura foi, considerado como “perigo alemão”. Então, se de um lado podemos falar de mito na persistência de um processo identitário entre descendentes de alemães em Joinville, historicamente, contudo, não se pode negar que mitos da classe dominante das décadas de 1940 e 1950 também se encarregaram de implantar certas diferenças. A “unidade”, presente no discurso está em conformidade com a visão de Hall (2000 p. 110), ao observar que as unidades discursivas são “construídas no interior do jogo do poder e da exclusão”.

É a convivência com as diferenças que instala o hibridismo e a linguagem é o elemento propulsor para o intercâmbio identitário. É a prática do discurso linguístico que cria o diálogo entre a identidade e as diferenças. “Além de serem

interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são resultantes de atos de criação linguística. [...] São criações sociais e culturais” conforme afirma Silva (2000 p. 76). Contudo não devemos esquecer que essa relação é sócio-dialética. Há nela história recíproca, do opressor e do oprimido. E para concordar com Barthes (2001, p. 269), o discurso do opressor é intransitivo, enquanto o do oprimido procura transformações.

Sabe-se que o processo identitário cultural existe numa relação construtiva direta e proporcional ao saber local. As culturas são construções históricas bastante rígidas e facilmente adaptáveis a mitos. Foi essa condição, por exemplo, que fez com que Geertz (2009 p. 253) analisasse em sua obra “O saber local”, a questão do direito. Essa análise é feita a partir do ponto de vista da antropologia interpretativa considerando os fatos sociais que interagem com leis. Cada sociedade tem suas leis e estas se adequam às realidades de suas crenças e costumes, interferindo na hermenêutica jurídica.

Assim, as identidades culturais se imbricam na formação de identidades, e interferem com juízos de valor nos estatutos jurídicos. O direito também é visto como um fato cultural, tal qual a arte, e a religião etc., considerando-se que o mesmo é desenvolvido numa relação direta com os contextos culturais. Geertz coloca que há uma necessidade de um “ir e vir” hermenêutico entre o direito e o campo da antropologia e etnografia. Os fatos sociais, os quais garantem a hibridização e o surgimento dos mitos culturais, provam que já não basta conhecer somente as leis. (p. 255). A tese de Geertz, de que o direito é saber local, e, portanto, mais que leis, e ainda, submetido ao relativismo cultural, ajuda-nos a entender como as identidades são estabelecidas a partir dos conhecimentos variados, independente de sua análise epistemológica pela sociedade que as constrói e defende. Isso é posto independente de cada povo, sociedade, cultura, tribo, etnia etc.

Assim ele se expressa no final do capítulo oito e sua obra:

O direito, com o seu poder de colocar acontecimentos específicos – um compromisso aqui, uma injúria acolá – em uma moldura geral de uma maneira tal, que as normas que regulam um gerenciamento adequado e probo desses acontecimentos pareçam surgir naturalmente dos elementos essenciais do seu caráter, é um pouco mais que um reflexo da sabedoria herdada, ou uma técnica para a resolução de conflitos. Com razão ele atrai para si o mesmo tipo de paixão que aqueles outros procriadores de significados e propositores de mundos – a religião, a ideologia, a ciência, a história, a moral e o senso comum – atraem. (...) O que está em risco, portanto, ou julga-se estar em risco, são as próprias concepções sobre o

que é fato e sobre o que é a lei, e a relação que existe entre elas – a sensação sem a qual os seres humanos mal podem viver, quanto mais adjudicar seja lá o que for, de que a verdade, o vício, a mentira e a virtude são coisas reais, distinguíveis e estão alinhadas em seus devidos lugares. (p. 349)

A convivência com o novo, com o diferente, pode não ter sido a mais aceita entre os descendentes de imigrantes alemães em Joinville, mas ela foi absorvida, gerou suas consequências e expôs mitos identitários que, na época, as nações não tinham condições sociais e intelectuais de refletir ou mesmo porque não tiveram o poder e a oportunidade de escolha.

Entre alguns mitos Seyferth (1990, p. 87) traz o aspecto criado em torno da figura do imigrante com relação ao trabalho.

A etnicidade, para a maioria dos descendentes dos imigrantes, é representada com base num *ethos* do trabalho. Os imigrantes são concebidos por si mesmos como pioneiros e civilizadores – os que transformaram as florestas do Sul do Brasil em “ilhas” de civilização; ou como aqueles que dignificaram o trabalho num país onde tudo foi deixado nas mãos dos escravos. Tal concepção leva a uma representação estereotipada dos brasileiros como indivíduos que não trabalham ou que consideram o trabalho manual degradante.

As mudanças e deslocamentos identitários, corroboram a desconstrução de mitos e abre uma discussão em torno do respeito e da diversidade cultural. Na afirmação de Voigt (2012), respeito, convivência e a não discriminação, eram os elementos motivadores para uma mudança linguística. Assim, os descendentes de alemães em Joinville enfrentam sua realidade histórica de um grupo que, ao mesmo tempo, em que se sente diferenciado por considerar a sua origem e identidade cultural, também demonstra um esforço pela convivência com o contexto sócio-histórico no qual está hoje inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A célebre frase de Agostinho, “*nos tempora sumus*”, bem lembrada por François Hartog, (HARTOG, 1996, p. 129) resume bem o papel subjetivo da necessidade que permeia o sentimento humano de manutenção e preservação da memória, como valorização da história: sujeito, tempo e ação no processo das coisas. É este sujeito, como herói da história que garante que ela esteja sempre presente, independente do tempo histórico a que ele se associe. O passado situa-se sempre num regime de historicidade. Presentismo, conforme trata Hartog (2006 p. 271), constante no patrimônio cultural. O patrimônio histórico e artístico é fonte de informações vitais às construções e contribuições das atuais e futuras gerações.

Esta dissertação teve como foco as transformações culturais que ocorreram entre os descendentes de alemães em Joinville – SC., a partir do referencial linguístico de sete entrevistados associados à Sociedade Cultural Alemã de Joinville - *Deutscher Kulturverein Joinville - DKVJ*. O recorte aponta para o momento em que a língua alemã foi proibida por imposição do Estado Brasileiro quando, mais precisamente, acontecem os desdobramentos culturais da imposição da língua portuguesa. Os sujeitos entrevistados, de descendência alemã e em sua maioria tendo a Língua Alemã como materna, foram gradativamente hibridizados pela imposição da aprendizagem da Língua Portuguesa. Os entrevistados sinalizaram que na família persiste o interesse pela cultura alemã, apesar da língua materna circular com a Língua Portuguesa e demonstraram saudades dos ensinamentos dos antepassados, das rezas e valores transmitidos em sua primeira língua.

Em relação às mudanças culturais, os resultados das entrevistas apontam que o desuso da língua original foi crucial. O peso, segundo as impressões, recai

sobre a língua, mas há registros variados que vão desde hábitos e características morais, esquecimento da língua materna e uma fala que lembra que “os casamentos deviam ser com cônjuges da mesma raça”. Os sujeitos também se referem, com saudades, dos eventos que envolviam música, danças, teatro e outras atividades culturais promovidas no intercâmbio familiar, o que era bastante costumeiro entre os imigrantes alemães e seus descendentes, pelo menos até a instituição do Estado Novo com a Era Vargas.

Os dados coletados reafirmam que o período após Primeira Guerra Mundial foi conturbado para alemães e descendentes no Brasil, contudo nas entrevistas foi possível perceber que o trabalho e a produtividade que os imigrantes e descendentes assumiram em Joinville facilitaram a adaptação em terras tropicais. Lutas e enfrentamentos aconteceram, essas lutas foram parte da resistência inicial para a convivência, e são fruto de reflexões sobre novas identificações com as quais teriam que se relacionar. Os entrevistados ressaltaram a diminuição da produção de seus próprios alimentos, a instalação do medo, o aumento dos conflitos existenciais, o impedimento de realizar eventos culturais e a desmotivação pelo elemento festivo.

Dois fatores concorreram para o intercâmbio identitário. Primeiro a pressão política e a sua conseqüente projeção sobre as famílias dos imigrantes, gerando medo e desconforto frente a uma imposição ideológica do Estado brasileiro. Em segundo lugar, o convívio com a língua portuguesa, de modo impositivo e restritivo ao uso da língua alemã. Esses fatores fizeram com que os usos e costumes públicos que dependiam da expressão linguística comesçassem a entrar no esquecimento. As transformações, portanto, passam pelo viés linguístico e repercutem num novo perfil de identidade. Este novo perfil é marcado por um aspecto idealizado e recuperam tradições buscadas nas memórias.

Os discursos que vieram à baila neste trabalho de pesquisa, seja dos entrevistados, ou de outras fontes, são variados, e às vezes reivindicatórios e dialéticos. Apontam tanto para situações monolíticas, como se as verdades fossem constituídas de apenas uma faceta, como para um plural de significações que, por vezes, parece pretender o atendimento de reivindicações de grupos maiores. Mas, como afirma Eagleton (2000, p. 31),

A cultura exige dos que clamam por justiça que olhem para além dos seus próprios interesses parciais, que olhem para o todo – quer dizer, que olhem para os interesses de seus governantes assim como para os seus próprios. Não importa, assim, que esses interesses possam ser mutuamente contraditórios.

Assim, o referencial linguístico foi tomado aqui como critério de identificação cultural, e o enfoque oportunizou uma análise de representações decorrentes de fluxos identitários e dos movimentos da história. Esta discussão ocorreu porque as mudanças suscitam novos olhares sobre a cultura e suas particularidades. Os referenciais linguísticos apontam para mudanças culturais entre imigrantes de origem alemã e seus descendentes, porém o grupo pesquisado sinaliza atenção maior voltada à preservação da cultura materna. Por isso a língua, se apresenta como patrimônio cultural, pois por intermédio dela, valores são veiculados, sendo assim promotora de deslocamentos e transformações. Assim os fluxos identitários, se intercambiaram na vivência de aniquilamentos e absorções de outras realidades culturais, tal que, ao chegar o período do programa de nacionalização movido pelo governo getulista, os imigrantes e seus descendentes já conviviam com algum tipo de movimento em direção ao contínuo entrelaçamento cultural.

O intercâmbio linguístico aconteceu deixando uma marca identitária indelével e inesquecível. Ainda hoje pesa a certeza de que a língua é o componente cultural mais importante para um vínculo nacional. Não era, portanto, em vão, que o movimento pangermânico focou tão aguçadamente na língua como elo entre alemães em diáspora.

Os mitos criados em torno dos processos de deslocamentos e transformações sinalizaram uma caminhada em direção à preservação de uma identidade. Esta identidade, aos poucos vai se mostrando frágil e sem sustentação. O motivo é a pressão da diversidade cultural, elemento que longe de ser novidade, no contexto em apreço, é uma realidade que implica todas as nações e etnias, tanto do contexto antigo quanto da pós-modernidade.

No desenvolvimento deste trabalho, uma questão interessante e provocadora é o fato de que durante o curso de Mestrado as leituras inebriam pela diversidade temática e conceitual, no entanto, durante a elaboração da análise dos dados coletados as leituras se cruzam e contribuem para a construção de assertivas críticas, que por sua vez demandam filtragens contínuas para não escaparem do escopo teórico demarcado.

Uma imagem contínua e insistente foi a de pensar a cultura como um navio em alto mar. A partir daí, entrever cada sujeito tripulante como um navegador que precisa conviver com realidades de todos os tipos: pressão atmosférica, calor, frio, chuva, neblina, tempestade, relâmpagos, trovões, ilhas, icebergs. Os tripulantes convivem com ganhos e perdas, com coragem e com o medo, com situações que implicam mudanças e deslocamentos, alguns até mesmos bruscos, repentinos e contrários à sua vontade. Contudo, em meio a todas as experiências, em face da conjuntura, uma certeza final lhes enche o pensamento, se descortina e favorece uma aplicação prática. Como disse um dia aos seus soldados, o general romano Pompeu, diante das necessidades imperiosas que exigiam o lançamento de seus navios e guerreiros ao alto mar, mesmo com ventos contrários: “El navegar es necesario, y no es necesario el vivir”³⁵, ante o volume de exigências que formulam a convivência cultural com a diversidade, constante e às vezes súbita, semelhantemente diremos: mudar é preciso. Frase ecoada numa das vozes coletadas nas entrevistas, que demonstra a percepção de que a língua alemã está se “retraindo” ante a língua portuguesa, daí o desejo ecoado no grupo de associados da Sociedade Cultural Alemã de Joinville- DKVJ, de se auto motivar e motivar os jovens para um projeto de (re)vitalização da Língua e da Cultura Alemã em Joinville.

³⁵ Citado por Plutarco em *Vidas paralelas* - Tomo V p. 120. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000480.pdf>

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson, **Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no sul do Brasil**. Revista Internacional de linguística Ibero americana, Frankfurt. v. 3, 2004.

ALVES, Paulo Cesar. **Cultura: múltiplas leituras**. Salvador: Edusc, 2010.

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Husitec, 1988.

BARTHES, Roland. **Aula**, São Paulo, Ed. Cultrix, 2008.

_____. **Elementos de semiologia**. São Paulo, Ed. Cultrix, 2000.

_____. **Mitologias**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Ed. ZAHAR. 1998.

BÖBEL, Maria Tereza; THIAGO, Raquel S. **Joinville, os pioneiros**. Joinville. Univille. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Economia das trocas linguísticas**. São Paulo, Edusp, 2008.

BRUHNS, Iracema. **Iracema Bruhns**: Entrevista [26 Abril 2012]. Entrevistador: Jailson Estevão dos Santos. Joinville-SC. Abril 2012.

BUTZKE, André. **André Butzke**. Entrevista [26 abril 2012]. Entrevistador: Jailson Estevão dos Santos. Joinville-SC Abril 2012.

CAMPBELL, JOSEPH. **O poder do mito**. São Paulo. Athena, 2008

CAMPOS, Cynthia Machado. **Falar alemão, falar português**. Esboços V.10 nº 10. UFSC, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, Ed. EDUSP. 2008.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo. Contexto, 2011.

CARVALHO, Cleide. **Ruas centrais têm dupla nacionalidade em Joinville**. Revista eletrônica – Curso de Comunicação Social – BONJA. Matéria 0644, publicada em 04/05/2004. (acesso em 28/03/2013).

Disponível: [Http://redebonda.cbj.g12.br/ielusc/revi_2005/revi_mod_reg.php?id=0644](http://redebonda.cbj.g12.br/ielusc/revi_2005/revi_mod_reg.php?id=0644)

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes. 1994.

CLOCK, Kátia. **Sem palavras** (documentário). Contraponto, 2009.

COELHO, Ilanil. **Joinville e a campanha da nacionalização**. 1993. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos. 1993.

_____. **Pelas tramas de uma cidade migrantes**. Joinville: Ed. Univille, 2011.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em [HTTP://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) – acesso em 10/09/2013 às 17h05minh.

COSTA, Sandro da Silveira. **SANTA CATARINA - História, geografia, meio ambiente, turismo e atualidades.** Florianópolis, Postmix, 2011.

CUNHA, Dilney. **História do trabalho em Joinville – Gênese.** Joinville. Ed. Toda letra, 2008.

Ducrot, Oswald e Todorov, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem.** São Paulo: Ed. Perspectiva 1988.

DECROSSE, Anne. **Um mito histórico, a língua materna.** In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane. (Org). Multilinguismo. Campinas, Unicamp, 1989.

DE LUCA, Tania Regina. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do BRASIL (1916 -1944).** São Paulo: Unesp, 2011.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura.** São Paulo: UNESP, 2000.

FÉLIX, José Luís. **A produção linguística dos imigrantes alemães no Brasil.** Assis: UNESP, 2006. Acesso em 19/05/2011. Disponível em http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/5pNhQXIO.pdf

FERREIRA, Lúcia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. **Linguagem identidade e memória social.** Rio de Janeiro Ed. DP&A, 2002.

GALLO, Solange Maria Leda. **Ciência e cultura: universalidade ou identidade?** in: NECKEL, Nádia Régia Maffi (org). Ciência e Cultura. Palhoça. Ed. UNISUL, 2011, p. 11.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
_____, **O saber local, novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis RJ. Vozes, 2009.

GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo (org). **Histórias de (I)migrantes: O cotidiano de uma cidade**. Joinville: UNIVILLE, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes 2000.

HARDT, Humberto. **Humberto Hardt**. Entrevista [26 Abril 2012]. Entrevistador: Jailson Estevão dos Santos.

HARTOG, François. **Tempo e Patrimônio**. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 22 nº 36: ps. 261 - 273, jul/dez 2006.

_____. **Tempo e história: “como escrever a história da França hoje?”**. *Revista História Social*. Campinas-SP: nº 03 (127-154), 1996. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/89/84> acesso em 30/08/2013 às 20h07minh.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence, (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1984.

HYUSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

ICOMOS BRASIL – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. Carta de Veneza. Disponível in: **CARTAS INTERNACIONAIS**. www.icomos.org.br (Acesso em 08/09/2013 às 23:00h.)

Jornal a Notícia Ed. on line de 25/04/2010 – Acesso em 28/03/2013. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/anoticia/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2881167.xml&template=4187.dwt&edition=14553§ion=1205>

MANN, Thomas. **Os Buddenbrook - decadência duma família**. São Paulo: Círculo do livro, s/d.

MIHAILEANU, Radu, **O trem da vida** (filme), França, 1998.

NORA, Pierre. **Entre memória e história. A problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Houry. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez, 1993.

PAZ, Octavio. **Antologia de o correio, 40º aniversário da UNESCO**. Ano 14. Publicado pela Fundação Getúlio Vargas, Jul /Ago 1986.

PLUTARCO. **Vidas paralelas. Tomo V**. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000480.pdf> - Acesso em 06/052013.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro, Estudos históricos, vol. 2 n. 3, 1989.

REIS, Asta dos. **Asta dos Reis**. Entrevista [26 abril 2012]. Entrevistador: Jailson Estevão dos Santos. Joinville-SC. Abril 2012.

Ricoeur, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2010,

ROSSKAMP, Raulino. **Raulino Roskamp**. Entrevista [26 abril 2012]. Entrevistador: Jailson Estevão dos Santos. Joinville-SC. Abril 2012.

ROST, Cláudia Andrea. **A identidade do teuto-brasileiro na região sul do Brasil**. UFSC, 2008. Acesso em 19/05/2011. Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_5/INTER5_Pg_215_236.pdf

SAUSSURRE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

_____. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. 1997. Acesso em 07/04/2013 - disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2457.pdf>..

SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville**. Univille: Joinville-SC. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: A língua como fator identitário inclusivo**. (UFRS), 2008. Acesso em 19/05/2011. Disponível em www.msmedia.com/conexao/3/cap10.pdf - Conexão Letras. Porto Alegre. Vol. 3, n. 3 (2008), p. 125-140.

Sociedade Cultural Alemã – DKVJ: Deutscher Kulturverein. Home Page. <http://www.culturaalemajoinville.com.br/index.htm> - acessos a partir de 19/05/2011.

THIAGO, Raquel S. **Tempos de Joinville**, Joinville, Ed. Univille, 2008.

TRINKS, Myrta Ebrhardt. **Myrta Ebrhardt Trinks**: Entrevista [26 abril 2012]. Entrevistador: Jailson Estevão dos Santos. Joinville-SC. Abril/2012.

VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane (orgs.). **Multilinguismo**. Campinas, Ed. UNICAMP. 1989.

VOIGT, André Fabiano. **Emilio Willems e a invenção do teuto-brasileiro – entre a aculturação e assimilação (1940-1946)**. Revista história questões e debates n. 46. Ed. UFPR. Curitiba – PR. 2007. Acesso em 19/05/11. Disponível em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/4656/7887>

VOIGT, Vilson. **Vilson Voigt**: Entrevista [26 abril 2012]. Entrevistador: Jailson Estevão dos Santos. Joinville-SC. Abril 2012.

ANEXOS E APÊNDICES

- **ANEXO 1:** Termo de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Univille
- **ANEXO 2:** Termo de consentimento livre e esclarecido
- **ANEXO 3:** Termo de aprovação da sociedade participante
- **APÊNDICE 1:** Roteiro das entrevistas

Joinville, 13 de março de 2012

OFÍCIO N.º 372/2011 - PRPPG/ CEP

Para Prof. Jailson Estevão dos Santos
Dissertação – Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade
UNIVILLE

ASSUNTO: Parecer Processo nº 186/2011

O Projeto de pesquisa intitulado **"TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES, EM JOINVILLE-SC, NAS DÉCADAS DE 1940 A 1950, A PARTIR DO REFERENCIAL LINGÜÍSTICO E INTERFACES CULTURAIS"** e seu Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de sua responsabilidade, foram **APROVADOS** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE, após terem sido analisados e verificados que atendem plenamente aos parâmetros descritos na Res. CNS 196/96 e complementares, e Res. 19/07 CEP/UNIVILLE, conforme parecer em anexo.

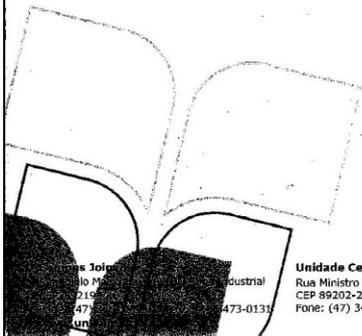
Lembramos que, ao finalizar a pesquisa, deverá ser encaminhado ao CEP/UNIVILLE o relatório final.

Atenciosamente,



Eleide Abril Gordon Findlay

Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE



PARECER DO PROJETO DE PESQUISA

1) DADOS GERAIS

Nº do Protocolo: 20/1111
Nº do processo: 186/2011
Data de Entrada no Comitê: 23/11/2011
Instituição: Univille
Comitê: (x) Humanas () Animais
Área Temática Especial: (x) Não () Sim. Qual?
Área Temática: Lingüística, Letras e Artes
Fonte Financiadora: Própria

2) TÍTULO

Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães, em Joinville/SC, nas décadas de 1940 a 1950 a partir do referencial lingüístico e interfaces culturais

3) PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Jailson Estevão dos Santos

4) EQUIPE EXECUTORA

Pesquisador Participante: Jailson Estevão dos Santos
Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes

5) SUMÁRIO E ANALISE DO PROTOCOLO

A Folha de Rosto está com todos os campos preenchidos corretamente.
Os currículos dos pesquisadores estão devidamente registrados na Plataforma Lattes

A pesquisa tem por objetivo identificar e analisar os fatores que motivaram as transformações e deslocamentos identitários no desuso da língua materna pelos descendentes de alemães em Joinville/SC.

Os Objetivos Específicos foram descritos de acordo com o planejamento de execução do projeto: cruzar vozes teóricas, identificar as transformações e selecionar os corpus de investigação entre os descendentes de alemães de Joinville/SC, nas décadas de 1940 a 1950.

Há revisão bibliográfica específica sobre a temática da pesquisa que se justifica por oportunizar o conhecimento do patrimônio cultural, abrindo uma compreensão mais ampla sobre fenômenos de adaptação cultural apesar das dificuldades geradas a partir dos fatores lingüísticos.

Em termos de Metodologia, a pesquisa adotará o método qualificativo, utilizando um questionário social contendo a entrevista estruturada para levantamento de informações, do qual um modelo foi anexado. O corpus é constituído de 15 sujeitos (homens e mulheres), descendentes de alemães nascidos nas décadas de 1940 a 1950, utilizando-se a análise descritiva das informações e resultados.

A pesquisa social concentrará sua atenção na cidade de Joinville/SC e contará com as indicações de sociedades culturais voltadas à divulgação da cultura alemã, especialmente a Sociedade Cultural Alemã (Casa da Memória) e de idosos que participam do Programa Institucional da Univille/Maturidade.

Como resultado, espera-se ampliar os conhecimentos sobre as transformações identitárias entre descendentes de emigrantes da etnia germânica em Joinville/SC e a sua divulgação e apresentação em eventos científicos e em congressos acadêmicos.

Os riscos dos sujeitos com a participação são mínimos; apenas responderão a um questionário, previamente autorizado mediante a concordância confirmada no Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, que foi juntado. Também não foi esclarecido onde os referidos questionários serão aplicados pelo pesquisador.

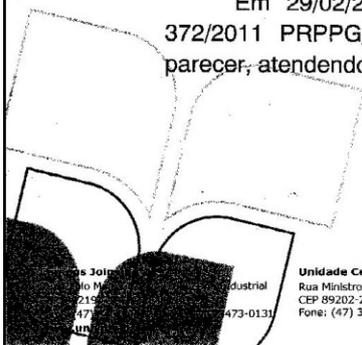
As informações obtidas serão confidenciais e as informações obtidas ficarão sob guarda do pesquisador. Falta informar o prazo em que serão guardados e o destino após este período.

As despesas com a pesquisa correrão por conta do pesquisador foi iniciada no mês de novembro de 2011, com o encaminhamento do trabalho ao Comitê de Ética e tem como prazo final o mês de julho de 2012.

Em 07/02/2012 foi encaminhado via ofício nº 372/2011 – PRPPG/CEP ao pesquisador responsável o parecer consubstanciado contendo as pendências, a saber:

a) Informar onde serão aplicados os questionários (Res.196/96 VI.2, h)

Em 29/02/2012 o pesquisador responsável respondeu ao ofício nº 372/2011 PRPPG/CEP, esclarecendo todas as pendências apontadas no parecer, atendendo plenamente à Resolução CNS 196/96 e complementares.



6) PARECER

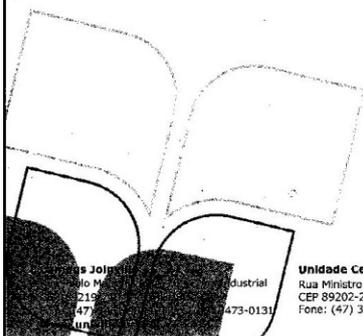
- () Não aprovado;
- (X) Aprovado;
- () Aprovado, a ser encaminhado à CONEP para registro;
- () Aprovado, a ser encaminhado à CONEP para apreciação e parecer;
- () Com Pendências.

A partir da análise, constata-se que o projeto intitulado **“TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES, EM JOINVILLE-SC, NAS DÉCADAS DE 1940 A 1950, A PARTIR DO REFERENCIAL LINGUÍSTICO E INTERFACES CULTURAIS”** atende plenamente a Resolução CNS 196/96 e complementares, e a Resolução 19/07 CEPE/UNIVILLE, para realização de pesquisas com seres humanos, sendo o projeto aprovado.

Joinville, 13 de março de 2012



Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE



ANEXO I

UNIVERSIDADE DE REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville–SC nas décadas de 1940 a 1950, a partir do referencial linguístico e interfaces culturais, de responsabilidade do pesquisador mestrando Jailson Estevão dos Santos do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE, orientado pela Prof^a. Dr^a Taiza Mara Rauen Moraes.

A pesquisa tem por objetivo analisar as transformações e os deslocamentos identitários a partir de um referencial linguístico e interfaces culturais, entre descendentes de alemães em Joinville – SC, nascidos nas décadas 1940 a 1950.

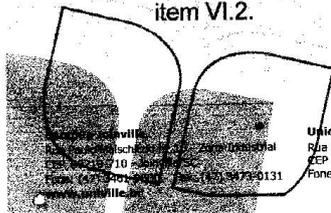
Espera-se com esse projeto de pesquisa ampliar os conhecimentos sobre as transformações identitárias veiculadas pela língua entre os descendentes de imigrantes de etnia germânica em Joinville–SC, buscando compreender que a hibridização cultural se identifica nas transformações linguísticas.

Os respondentes terão liberdade de se recusar ou desistir de responder ao questionário a qualquer momento, e a recusa ou desistência não lhe acarretará nenhuma pena ou prejuízo.

O respondente terá livre acesso aos resultados do projeto e garantido esclarecimento, antes e durante a aplicação do questionário, sobre a metodologia empregada e sobre os objetivos.

Será garantido o sigilo dos dados pessoais e assegurada a privacidade, por escrito ou oralmente, em apresentações em congressos e revistas científicas. A pesquisa acarretará risco mínimo. Os benefícios relacionados com a sua participação serão relativos aos resultados e conclusões obtidos neste projeto que busca ampliar os conhecimentos sobre as transformações identitárias, bem como compreender como as mudanças veiculadas pela língua se apóiam nos deslocamentos projetados a partir do referencial linguístico de cada sujeito.

O início da pesquisa dar-se-á com a coleta de dados, e análise ocorrerá no 1º semestre de 2012. Os resultados desta pesquisa serão divulgados em eventos científicos e em trabalhos escritos apresentados em congressos acadêmicos e os questionários ficarão sob a posse do pesquisador responsável durante cinco anos, conforme indica a Resolução CNS 196/96, item VI.2.



Unidade Centro - Joinville
Rua Ministro Calógeras, 437 - Centro
CEP 89202-207 - Joinville/SC
Fone: (47) 3422-3021

Unidade São Francisco do Sul
Rodovia Duque de Caxias Km 8 Postô 128 - Iperoba
CEP: 89.240-000 - São Francisco do Sul/SC
telefone: (47) 3442-2577

Campus São Bento do Sul
R. Norberto Eduardo Wehhermann, 230 - Colonial
Caixa Postal 41 - CEP. 89290-000 - São Bento do Sul/SC
Telefone: (47) 3631-9100

Em caso de dúvida quanto aos direitos dos informantes será dado a eles todos os esclarecimentos e liberdade de se dirigirem ou escreverem ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVILLE no seguinte endereço: Rua Paulo Malschitzki nº 10 – Campus Universitário – Zona Industrial – Joinville-SC, ou pelo telefone (47) 3461-9235.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações do projeto, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o consentimento de participação do sujeito, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Pesquisador responsável:

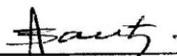
Nome completo: Jailson Estevão dos Santos

Telefone: (47) 3207-3895 / (47) 9961-1095

Horário disponível para atendimento Segunda a Sexta das 8:00h às 12:00h

Email – jeste@ig.com.br

Assinatura: _____



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, HUMBERTO HARDT, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

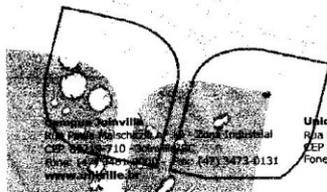
16 Abril 2012 Joinville

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: _____



Telefone para contato: _____

34252982



Univille
Rua Ministro Calágeras, 437 - Centro
CEP: 89.202-207 - Joinville/SC
Fone: (47) 3473-0131
www.univille.br

Unidade Centro - Joinville
Rua Ministro Calágeras, 437 - Centro
CEP: 89.202-207 - Joinville/SC
Fone: (47) 3422-3021

Unidade São Francisco do Sul
Rdovia Duque de Caxias Km 8 Poste 128 - Iperoba
CEP: 89.240-000 - São Francisco do Sul/SC
Telefone: (47) 3442-2577

Campus São Bento do Sul
R. Norberto Eduardo Welhermann, 230 - Colonial
Caixa Postal 41 - CEP: 89290-000 - São Bento do Sul/SC
Telefone: (47) 3631-9100

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, ASTA DOS REIS, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: Asta dos Reis

Telefone para contato: 3432 2625

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

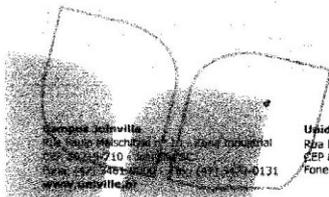
Eu, Marta Elizabeth Guedes, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

Joinville, 23 de abril de 2012

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: Marta Guedes

Telefone para contato: 3801-0560 9123-9066



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, Tracema Brubius, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

Joinville, 26 de abril de 2012

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: Tracema Brubius

Telefone para contato: (47) 3422-9748 - vll. 56.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, André Butzke, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

S. Cultural Alemã 25-04-2014

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: André Butzke

Telefone para contato: (47) 3438 5043



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

Eu, Raulino Rosstkamp, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

Joinville (SC), 23 de abril de 2012

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: _____

Telefone para contato: (047) 3804-6777

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO

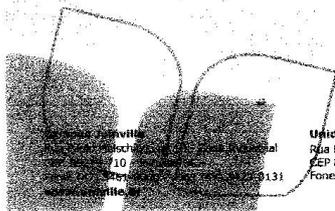
Eu, Vilson Voigt, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como sujeito e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

Joinville, 07 de Maio de 2012

Assinatura do Sujeito ou Responsável legal: _____

Telefone para contato: (047) 3453-1918 ou (047) 9907-6657



DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Declaramos para os devidos fins que concordamos com os itens citados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nossa empresa. Assim, autorizamos o Prof. Jailson Estevão dos Santos, discente da UNIVILLE – do curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Turma IV, a realizar a pesquisa com o título “TRANSFORMAÇÕES E DESLOCAMENTOS IDENTITÁRIOS ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES, EM JOINVILLE – SC, NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950, A PARTIR DO REFERENCIAL LINGUÍSTICO E SUAS INTERFACES CULTURAIS”.

Cumpriremos o que determina a Resolução 196/96 – CONEP/MS e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Sabemos que nossa empresa poderá a qualquer fase dessa pesquisa retirar esse consentimento. Também foi, pelo pesquisador acima mencionado, garantido o sigilo e assegurado a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e revistas científicas, totalmente anônimo.

Colocamo-nos a disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente



Sociedade Cultural Alemã de Joinville

Carlos Adauto Virmond Vieira

Presidente

**SOCIEDADE CULTURAL
ALEMÃ DE JOINVILLE**
Rua XV de Novembro, 1.000
89201-602 - Joinville - SC
dkvj@terra.com.br

QUESTIONÁRIO FORMULADO COM QUESTÕES ABERTAS

Questionário aplicado aos sujeitos participantes da pesquisa sobre transformações identitárias em Joinville a partir do referencial linguístico e interfaces culturais, realizada pelo pesquisador mestrando Jailson Estevão dos Santos.

Prezado entrevistado,

Sou aluno do curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da UNIVILLE e, para desenvolver a minha Dissertação de Mestrado, estou realizando a pesquisa: *Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville, nas décadas de 1940 a 1950, a partir do referencial linguístico e interfaces culturais*. A mesma tem como objetivo analisar e identificar fatores que motivaram as transformações e deslocamentos identitários no desuso da língua materna pelos descendentes de alemães em Joinville- SC.

Para tanto, gostaria da sua colaboração para responder a este questionário, bem como espero receber a sua autorização para divulgação dos dados desta pesquisa. Informo que para efeitos éticos os dados sigilosos como nome de pessoas e dados estritamente pessoais não serão divulgados.

Gostaria de informar ainda que os resultados desta pesquisa serão posteriormente, apresentados para a comunidade.

No mais, antecipadamente agradeço.

Atenciosamente,

Jailson Estevão dos Santos

QUESTIONÁRIO SUBJETIVO PARA ENTREVISTA

1. Qual o seu nome, origem e data de nascimento?

2. Qual a sua identidade linguística? _____

3. Você ainda tem parentes que falam fluentemente a língua alemã?

4. Qual o seu interesse pela língua alemã hoje? _____

5. Que lembranças mais fortes você tem de seus pais e avós quando os mesmos falavam em alemão? _____

6. Há algum ensinamento que seus pais faziam questão de passar para você em língua alemã? _____

7. Há alguma mudança de costume alemão para um costume brasileiro que você identifica como fruto da mudança da língua? _____

8. Você consegue lembrar quando exatamente se inicia em sua vida esta mudança, ou algum fato que marca o início da mudança?

9. Se você não fala mais o alemão, qual foi o elemento motivador para não querer mais falar a língua dos pais e avós? _____

10. Fale sobre um costume da cultura alemã que era vivido por seus pais e que hoje não pratica mais. _____

NOME: _____

Assinatura: _____

